



O SILÊNCIO NO CAOS:
como ativar a escuta micropolítica
nos espaços educativos por meio das Artes Visuais

Mestranda: Ana Claudia Safons Soares
Orientador: Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS - PPGAVI
MESTRADO EM ARTES VISUAIS
LINHA DE PESQUISA - EDUCAÇÃO EM ARTES E PROCESSOS DE
FORMAÇÃO ESTÉTICA

ANA CLAUDIA SAFONS SOARES

O silêncio no caos: como ativar a escuta micropolítica nos espaços educativos por meio das Artes Visuais.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo

Pelotas, 2022.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S676s Soares, Ana Claudia Safons

O silêncio no caos: como ativar a escuta micropolítica nos espaços educativos por meio das artes visuais. / Ana Claudia Safons Soares ; Claudio Tarouco de Azevedo, orientador. — Pelotas, 2022.

125 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Silêncio. 2. Educação. 3. Artes visuais. 4. Micropolítica. 5. Caos contemporâneo. I. Azevedo, Claudio Tarouco de, orient. II. Título.

CDD : 702

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

A LIÇÃO DO RIO (Henfil)

E o rio corre sozinho.
Vai seguindo seu caminho.
Não necessita ser empurrado.
Pára um pouquinho no remanso.
Apressa-se nas cachoeiras.
Desliza de mansinho nas baixadas.
Precipita-se nas cascatas.
Mas, no meio de tudo isso vai seguindo seu caminho.
Sabe que há um ponto de chegada.
Sabe que seu destino é para frente.
O rio não sabe recuar.
Seu caminho é seguir em frente.
É vitorioso, abraçando outros rios, vai chegando no mar.
O mar é sua realização.
É chegar ao ponto final.
É ter feito a caminhada.
É ter realizado totalmente seu destino.
A vida da gente deve ser levada do jeito do rio.
Deixar que corra como deve correr.
Sem apressar e sem represar.
Sem ter medo da calmaria e sem evitar as cachoeiras.
Correr do jeito do rio, na liberdade do leito da vida, sabendo que há um ponto de chegada.
A vida é como o rio.
Por que apressar?
Por que correr se não há necessidade?
Por que empurrar a vida?
Por que chegar antes de se partir?
Toda natureza não tem pressa.
Vai seguindo seu caminho.
Assim é a árvore, assim são os animais.
Tudo o que é apressado perde o gosto e o sentido.
A fruta forçada a amadurecer antes do tempo perde o gosto.
Tudo tem seu ritmo.
Tudo tem seu tempo.
E então, por que apressar a vida da gente?
Desejo ser um rio.
Livre dos empurrões dos outros e dos meus próprios.
Livre das poluições alheias e das minhas.
Rio original, limpo e livre.
Rio que escolheu seu próprio caminho.
Rio que sabe que tem um ponto de chegada.
Sabe que o tempo não interessa.
Não interessa ter nascido a mil ou a um quilômetro do mar.
Importante é chegar ao mar.
Importante é dizer "cheguei".
E porque cheguei, estou realizado.
A gente deveria dizer: não apresse o rio, ele anda sozinho.
Assim deve-se dizer a si mesmo e aos outros: não apresse a vida, ela anda sozinha.
Deixe-a seguir seu caminho normal.
Interessa saber que há um ponto de chegada e saber que se vai chegar lá.
É bom viver do jeito do rio!

GRATIDÃO

Aos que me apoiaram.

GRATIDÃO

Aos que me incentivaram.

GRATIDÃO

Aos que acreditaram.

GRATIDÃO

Aos que me colocaram aqui,

neste lugar,

nesse momento.

GRATIDÃO

por poder

ser sempre

RE-EXISTÊNCIA

RESUMO

Na linha de pesquisa em Educação em Artes e Processos de Formação Estética, exploro o silêncio e seus possíveis significados como matéria de criação de mecanismos micropolíticos de construção dos processos de subjetivação. A construção dos processos de subjetivação entendidos como as “revoluções moleculares” que, para Guattari e Rolnik são processos de diferenciação permanente que permitem o deslocamento da subjetividade por forças externas ao sujeito, também presentes nas manifestações culturais. A metodologia de trabalho seguiu o método cartográfico, com o mapeamento de algumas produções artísticas contemporâneas, selecionando referencial teórico sobre o tema, somado a produções artísticas e as inserções sociais nos processos educativos. Pesquisando o movimento dos professores e professoras ao trabalhar com o tema, através da proposição do curso “A micropolítica do sensível: o silêncio e a arte em contextos educativos”, cujo resultado é parte integrante do catálogo digital disponibilizado nas redes de ensino formal e informal. Resultados que poderão colaborar na formação de jovens e adultos, para que se percebam de uma forma mais humanizada.

.

Palavras chaves: Silêncio, Educação, Artes Visuais, Micropolítica, Caos contemporâneo.

ABSTRACT

In the Arts Education and Aesthetics Formation Processes research line, I explore the silence along with its possible meanings as a matter for the creation of micropolitical mechanisms for the construction of subjectivation processes. The construction of subjectivation processes understood as the "molecular revolutions" which, for Guattari and Rolnik, are processes of permanent differentiation that allow the displacement of subjectivity by forces external to the subject, also present in cultural manifestations. The work methodology followed the cartographic method, with the mapping of some contemporary artistic productions, selecting the theoretical framework on the subject, added to artistic productions and social insertions in educational processes. Researching the movement of teachers when working with the theme, through the proposition of the course "The micropolitics of the sensitive: silence and art in educational contexts", whose result is an integral part of the digital catalog available in formal and informal education networks. Results that can collaborate in the training of young people and adults, so that they perceive themselves in a more humanized way.

Keywords: Silence, Education, Visual Arts, Micropolitics, Contemporary Chaos.

RELAÇÃO DE IMAGENS

Imagem 1: Frame do vídeo	20
Imagem 2: Frame do vídeo	20
Imagem 3: <i>The Artist is present</i>	21
Imagem 4: <i>Aschenblume (Ash Flower)</i>	22
Imagem 5: Três conjuntos de esculturas – apelidadas de Gordinhos, Bailarinas e Coqueiros	23
Imagem 6: O silêncio do cotidiano, Prática pedagógica	30
Imagem 7: O silêncio do cotidiano, Prática pedagógica	30
Imagem 8: Casa de Pano – lugar de escuta.....	32
Imagem 9: Casa de Pano – lugar de escuta.....	32
Imagem 10: Pindorama	36
Imagem 11: Porção de silêncio	37
Imagem 12: Paisagem Sonora	38
Imagem 13: Convite	44
Imagem 14: Convite	44
Imagem 15: Foco	46
Imagem 16: Nada	47
Imagem 17: Solitude	47
Imagem 18: Pousio	48
Imagem 19: Intervenção	48
Imagem 20: Casa de Pano	49
Imagem 21: Composição frame a frame	51
Imagem 22: Apagamento	54
Imagem 23: O grito	56
Imagem 24: A chave dos campos	57
Imagem 25: São Paulo (Pedro Azevedo) Corpo e Alma. O estado do Mundo. 58	
Imagem 26: Museu da inocência	59
Imagem 27: Frascos de silêncios	60
Imagem 28: Três silêncios	61
Imagem 29: Imensidão	62
Imagem 30: Verde e Amarelo	63
Imagem 31: Saudade	64
Imagem 32: Escuridão	64
Imagem 33: Vento na vela do barco	65
Imagem 34: Catadores de silêncios - prática pedagógica	66
Imagem 35: Local de Silêncios I	67
Imagem 36: Som do silêncio I	68
Imagem 37: Local de silêncios II	69
Imagem 38: Som do silêncio II	69
Imagem 39: Pensando sobre o silêncio	70
Imagem 40: Pensando sobre o silêncio	71

CARTA NÁUTICA

Introdução	12
1 – Mapeamento náutico	
• Definindo silêncio	18
• Experiências estéticas – Marcha das Mulheres	19
Artistas contemporâneos	21
• Arte e política	24
• Caos contemporâneo	25
2 – Processos de criação	27
• Ação experimental	39
• Produção de trabalhos	34
• Ancorar um plano	40
3 – Experienciar o silêncio	43
• Proposição do curso	43
• Experienciando o silêncio	45
• Percurso navegado	52
Considerações Finais	72
Referências	75
Apêndice 1: Link do Catálogo digital propositivo	78
Apêndice 2: Projeto do curso	80
Apêndice 3: Oficina: Silêncio in Si	83
Apêndice 4: Plano de Aula	95
Apêndice 5: Atividade sobre o silêncio	98
Apêndice 6: A presença e a ausência do silêncio	99

Apêndice 7: O que carrega o silêncio	102
Apêndice 8: Vozes femininas e frascos de silêncio	108
Apêndice 9: Elogio ao Silêncio	113
Apêndice 10: O(a) guardador(a) de silêncio	117
Apêndice 11: Respigadores de silêncios	119
Anexo 1: Relatório 2020 do PNE	121

DERIVA

Frente a uma folha em branco, o pânico se instaura: como dar voz a uma pesquisa em Educação em Artes e Processos de Formação Estética, no atual momento em que o mundo atravessa profundas transformações¹ e o Brasil um grande retrocesso²?

Como pensar em Arte Educação quando, de decreto em decreto, vamos perdendo nosso lugar, não só nos espaços educativos formais como nos informais? Quando até a cátedra se apequena frente ao velho medo que se instaura?

O mundo está vivendo uma grande pandemia que levou ao distanciamento social das pessoas. Um impedimento físico decorrente da orientação da Organização Mundial da Saúde – OMS, para que todos fiquem reclusos em suas casas. Novos comportamentos estão surgindo, vidas estão sendo reinventadas e outras tantas perdidas. Uma sociedade em transformação.

A grande dificuldade frente à pandemia enfrentada, é traçar um perfil sociológico deste ser que surge pós pandemia, pois estamos vivenciando um momento único registrado mundialmente. O retorno a “normalidade” não se efetiva, embora estejamos há mais de dois anos lutando contra o vírus. O impacto causado traz grandes transformações sociais, visto que a pandemia gera perda de vidas, forte crise na saúde, levando ao medo, insegurança, evidenciando contrastes sociais de miséria, registrando uma recessão econômica mundial.

Frente ao impedimento, que impediu de as escolas cumprirem seu papel social, todos nós, ligados direta ou indiretamente à educação, nos sentimos a deriva, não só como um barco no meio de uma tempestade, mas num barco sem timão, leme e bússola.

¹ COVID19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. No Brasil, mais de 22.724.232 infectados, com 620.641 mortes. No mundo, contamos com 317.166.137 infectados, e 5.513.550 mortes- atualizado em 12/01/22

² Durante a escrita da monografia, o Governo Federal alterou drasticamente a pasta do Ministério da Educação (vide anexo 1); implementou o Decreto nº 10502/2020 que institui o ressurgimento das Escolas Especiais, dando por finalizado o processo inclusivo das pessoas com NEE, estancou a universalização do ensino, alterou o acesso de etnias minoritárias ao ensino superior, a demarcação de terras indígenas, o desmantelamento do IBAMA, entre outros tantos retrocessos sociais.

Perdida, navegando em busca de um novo horizonte, procurando um lugar aonde atracar, deparo-me com o Dossiê da Revista NAVA³ 2020: O presente corrente.

“Ah” – disse o rato, “a cada dia o mundo está mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via alguns muros à distância, à direita e à esquerda, mas agora essas longas paredes se movem tão depressa uma em direção à outra, que já estou no último cômodo e lá no canto fica a fresta para a qual eu corro”. – “Você só precisa mudar de direção” – disse o gato, e o comeu. Pequena Fábula de Franz Kafka.

O presente corre em nossa direção, nos cerca por todos os lados, e, à semelhança de um caudaloso rio, revolve nossa existência pessoal e coletiva. Que direções tomar diante desse presente inexorável que nos interpela com tanta insistência? Que indagações o presente nos estimula a fazer?

Senti como se a bússola fosse colocada em minhas mãos, apontando a necessidade de pensar sobre esse novo dia que temos que enfrentar. Apontando que novas formas de um presente, “que aos poucos vão se esboçando diante de nós” (Editorial Revista NAVA – 2020), devem ser objeto de pesquisa, de estudo árduo e, principalmente, de muito fôlego e coragem.

Desta forma, consigo visualizar um horizonte no meio dessa tempestade. Ajusto minhas velas, seguro-me ao timão, prendo-me ao barco com cabos de aço e mosquetões e procuro assumir minha navegação⁴ rumo a um desejo incontável: que o azimute⁵ me leve a um mundo possível.

³ revista.nava@ufjf.edu.br

⁴ Adoto uma escrita livre, assumindo meu papel de arte educadora e pesquisadora. O cenário náutico surge de minhas reflexões sobre o silêncio. A partir de uma prática pedagógica proposta em que peço aos colegas que definam em uma palavra, o que remete a palavra silêncio, também reflito sobre, respondendo: “- a um barco à vela”. A reflexão levou-me ao passado, ao prazer indescritível de velejar num pequeno barco monotipo, onde o som do vento na vela, provocava o mais profundo silêncio. E é nele que embarco rumo ao desconhecido. “O que mobiliza atualmente meus estudos é a condição mágica da linguagem, aquela que não apenas nomeia, mas que inventa e produz encantamento. A linguagem comunica, mas não apenas serve para comunicar. Às vezes a linguagem nos faz ser e faz também não ser. A linguagem escapa à norma e aos códigos. Sonhar é resistir. Sonhar produz efeito no real. É ato político” (RICHTER, 2019, p.114).

⁵ Azimute é uma medida de direção horizontal, definida em graus, que pode variar de 0° a 360°, indicado pela bússola, muito utilizado nas navegações. Azimute significa caminho em árabe.

INTRODUÇÃO

Partindo do meu processo de estudo desde o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, a dificuldade encontrada esteve em orientar mais claramente o meu tema e campo da pesquisa: o **silêncio – sua teorização – matéria da criação artística nos espaços educativos**.

Trajetória

Embora com produção artística própria, sendo aluna do curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas e, sendo arte educadora formada pela mesma instituição, minha pesquisa está orientada no campo da educação em Artes Visuais. E é nesse campo que desenvolvo minha pesquisa por entender que minha contribuição como arte educadora engloba também a de artista e de pesquisadora.

Vejo a importância de termos, ao timão do barco, alguém que não detenha só conhecimento, mas a capacidade de buscar desenvolver nos educandos a auto expressão, o autoconhecimento, a criação e a crítica através de sua sensibilização, despertando seus sentidos. Comenius⁶ já em 1631, tratava destas questões, dizendo que o ser humano para ser pleno precisa ser formado. Os cinco sentidos são inatos, mas precisam ser ativados e exercitados através de uma educação universal. E, como bem coloca Rubem Alves, o objetivo não é ensinar COISAS, mas sim ensinar a ALEGRIA DE PENSAR.

E como Arte educadores, conhecemos mecanismos potencializadores dessa capacidade de despertar os sentidos, muitas vezes adormecidos. Voltando a estimular a sensibilização crítica dos educandos.

⁶ Iohannes Amos Comenius (1592/1670), foi um bispo protestante da Igreja Morávia, educador, cientista e escritor checo. Como pedagogo, é considerado o fundador da didática moderna.

Assim, no timão de meu barco, seguro o leme como Arte educadora e pesquisadora, atenta aos mares revoltos que procuram nos afogar, procurando visualizar no horizonte um novo mundo possível.

Mar a ser navegado

Como timoneira de meu barco, preciso determinar, inicialmente, em que corpo de água pretendo navegar. Escolho navegar em mar aberto – uma massa de água menor em extensão cercada de terra, mas com ligação direta com o Oceano.

Assim, minha pesquisa é sobre o silêncio e seus significados, como um possível mecanismo micropolítico de construção dos processos de subjetivação, através da educação em artes visuais. Relacionando ações, projetos e publicações artísticas que se articulam sobre a utilização da arte como estratégia que possibilita acionar os sentidos com relação ao que nos cerca. Criando, assim, outras realidades para tornar visíveis as já existentes, perturbando e questionando o poder e a verdade através do sensível, utilizando como suporte fundamentais os mecanismos micropolíticos e a escuta junto à natureza. Uma escuta que requer estar atento para o que se passa ao nosso redor.

Essa dicotomia natureza e humanidade vem sendo discutida e pesquisada por estudiosos sobre o tema. A humanidade cada vez mais se distancia da natureza. Como “humanóides”⁷ que somos, pouco nos diferenciamos dos outros seres animados. A diferença está em usarmos uma pequena fração de nosso cérebro, embora tenhamos o telencéfalo desenvolvido e, utilizamos o polegar como pinça. Isso não nos torna tão mais evoluídos. Exploramos indiscriminadamente a terra, os bens materiais, havendo necessidade de ativarmos nossa percepção para que encontremos o equilíbrio cotidiano, buscando harmonizar a existência com a natureza e o respeito pelo próximo.

Desta forma, o meu trabalho com Micropolítica através da Arte surge desta percepção das pequenas revoluções cotidianas, que provam que a existência é, fundamentalmente, um movimento de resistência. A chamada

⁷ Humanóide – expressão pejorativa para tirar o status do homem como um ser que está no centro do “planeta”, quiçá do universo.

“revolução molecular” (GUATTARI, 1977) - uma revolução que se faz todo dia, nas pequenas coisas. Pequenas revoluções permanentes, que vão produzindo novos fluxos de desejo e de ações, novas possibilidades de ser, de sentir, de pensar, de agir. Como uma pedra jogada na superfície de um lago, cuja perturbação na água causada pelo impacto da pedra, causará um movimento de ondas que se propagam.

A macropolítica seria aquela dimensão que pretende definir a sociedade, criando leis, definindo instituições, compondo o Estado. A micropolítica seria essa revolução molecular, de natureza invisível, representando um modo particular de ver e sentir o mundo. Assim, essa dimensão se situa no plano das produções de subjetividade.

Essa pesquisa justifica-se por buscar, através de uma análise mais sensível - como atitude de resistência, uma percepção desses silêncios. Como forma de instaurar reflexões sobre o que nos cerca, procurando ir além do senso comum. Procurando investigar os modos de fazer e pensar na arte, desenvolvendo trabalhos com uma poética que se relaciona à construção de uma presença sensível, que está interligada diretamente com mecanismos micropolíticos que procuram impulsionar o sujeito a uma reflexão sobre nosso modo de vida e o planeta.

Um olhar sobre a nova imagem humana que surge através da mídia – pré e pós pandemia. Uma imagem de um ser sem essência, para o qual a comunicação e a troca de informações são o valor supremo. Uma sociedade globalizada, onde o pensamento crítico é secundário e/ou superficial. O “*homo communicans*”, cujo interior é moldado pela mídia, destituído de mais nada (BRETON, 1992, p. 48). Questionando como a produção artística contemporânea pode ajudar na tomada de consciência sobre o que se passa à nossa volta e como ativar a percepção de escuta nos locais de ensino. Uma escuta consciente, na qual o indivíduo que a percebe possa ter a capacidade de interpretar o que ele ouve.

Havendo a necessidade do ouvir, do aprender a ouvir com o silêncio de dentro de nós, enfatizado com um dos poemas de Rubem Alves (2018): “não é

bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma”⁸.

Para poder descortinar um horizonte, possibilitando atracar em novos portos, utilizo o método cartográfico por entender ser o mais adequado ao tipo de investigação. Enquanto o método científico tradicional pressupõe um destino (objetivo) e um caminho dado (metodologia), a cartografia propõe construir uma narrativa que só se conhecerá ao percorrer um caminho ainda desconhecido.

Nesse sentido, usando as palavras de Suely Rolnik, do cartógrafo se espera que ele mergulhe nas intensidades do presente para “dar língua aos afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2007, p. 23).

Inicialmente, realizando um mapeamento de algumas produções artísticas contemporâneas e referencial teórico que tratem sobre o tema, somados a produções artísticas e as inserções sociais nos processos educativos. Dando seguimento, com a proposição e realização de um curso de formação de formadores.

Mar revolto

Ao apresentar primeiramente o projeto de pesquisa junto ao ENPOS⁹ e junto ao SPMAV¹⁰ no ano de 2019, houve uma grande dificuldade no entendimento do tema por parte da banca, ao procurar delimitar o tema de minha pesquisa como o “silêncio”. A tendência foi em atribuir uma significação à palavra – atribuição de um valor.

Assim, a inquietação que surgiu enfatizou ainda mais o desejo de trabalhar o silêncio para que possamos compreender os seus sentidos. Fazer uma distinção clara e objetiva de que a pesquisa não é sobre o silenciamento, pois este já é uma das consequências do silêncio – já não é silêncio, mas por em silêncio (ORLANDI, 2007). Procurar conceber o silêncio como um espaço de significação, conhecimento do mundo e de criação.

⁸ Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/escutatório.htm> Acesso em: 17 out. 2020.

⁹ ENPOS – Encontro de Pós-Graduação dos alunos dos programas de graduação da Universidade Federal de Pelotas.

¹⁰ SPMAV – Seminário de Pós-Graduação e Mestrado em Artes Visuais promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas.

Como instrumentos náuticos que possibilitam uma navegação mais segura, embarcam comigo autores como Guattari¹¹, Rancière¹², Certeau¹³, Rolnik¹⁴, Schafer¹⁵, Orlandi¹⁶, Krenak¹⁷, Krishnamurti¹⁸, que me auxiliarão nessa trajetória.

Para lançar-me ao mar aberto, é necessário um planejamento criterioso para que a travessia ocorra de forma segura, tornando possível a visualização de um horizonte onde uma praia nos aguarde, com ondas a favor da chegada. E, ao chegar, o projeto possa ter fim.

Com a Carta náutica em mãos, inicio o mapeamento náutico, partindo através da definição do tema da pesquisa: o silêncio, transitando por experiências estéticas que trabalham com o tema. Seguindo o percurso, surge a percepção de que os aspectos econômicos, políticos e culturais interagem com a arte e a vida, surgindo o desejo de atracar para analisar os aspectos micropolíticos existentes na arte.

O segundo ponto do mapa trata dos Processos de Criação e da luta intensa entre os nossos silêncios e o momento de criação. Nesse ponto a pesquisa começa a tomar forma. Como o som das ondas lambendo o casco do barco, o texto só passa a existir enquanto for sentido.

Aqui, o mar aberto à frente mostra um horizonte possível e sem fim. Aonde a pesquisa ganha forma, surgindo o terceiro ponto em nossa carta náutica: experienciar o silêncio.

Convido um grupo de navegadores com distintas áreas de atuação, para que juntos, experienciem o silêncio, mas cientes de que o navegar não depende apenas de suas habilidades náuticas, mas principalmente de estarem abertos a perceberem-se como uma “ilha” a ser desbravada.

¹¹ Félix Guattari (1939/1992) – filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês.

¹² Jacques Rancière (1940/ -) - filósofo francês, seu trabalho se concentra sobretudo nas áreas de estética e política.

¹³ Michel de Certeau (1925 - 1986) - historiador e erudito francês. Intelectual jesuíta, dedicou-se ao estudo nas áreas da psicanálise, filosofia, ciências sociais, teologia, teoria da história, entre outras.

¹⁴ Suely Rolnik (1948/ -) - psicanalista, curadora, crítica de arte e da cultura, brasileira.

¹⁵ Raymond Murray Schafer (1933/-) - compositor, libretista, pedagogo musical, escritor, educador e investigador do ambiente sonoro, além de artista plástico e cenógrafo

¹⁶ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (1942/ -) - linguista brasileira.

¹⁷ Ailton Alves Lacerda Krenak (1953/ -), - líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro.

¹⁸ Jiddu Krishnamurti (1895/1986) - filósofo, escritor, orador e educador indiano.

Da análise desse percurso desbravado, surge então o material a ser apresentado à comunidade através de um Catálogo Propositivo.

Cabe aqui destacar, que no mar revolto enfrentado, fui levada a habitar duas outras ilhas, até então desconhecidas. Passei a ser parte integrante de duas escolas. Assinei contrato junto à Rede Notre Dame de ensino, Escola Sagrado Coração de Jesus¹⁹ e fui empossada mediante concurso público, na Rede Municipal de Ensino de Pelotas, junto ao Colégio Municipal Pelotense²⁰.

Desta forma, minha carta náutica ganha contornos múltiplos. Muito mais que embarcar o grupo de navegadores convidados, carrego comigo essa nova experiência como Arte Educadora, responsável pela formação de 370 adolescentes, em plena pandemia...

¹⁹ Uma escola privada, com caráter filantrópico, filial de uma rede de Educação Confessional Católica – Rede Notre Dame. A escola está localizada no Município de Pedro Osório (RS).

²⁰ Uma instituição de ensino administrada pelo governo municipal da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. É a maior escola pública da América do Sul e uma das maiores da América Latina.

1. MAPEAMENTO NÁUTICO

Para desbravar mares em busca de uma costa onde atracar, imprescindível que um mapeamento venha a ser realizado, para que ao chegar ao destino, eu possa apontar um dos possíveis caminhos navegados.

Parto então, da definição do tema de minha pesquisa: o silêncio.

Definindo silêncio

Etimologicamente, silêncio vem do latim *silentium* e segundo o novo dicionário da língua portuguesa Aurélio, significa:

1. Estado de quem se cala.
2. Privação de falar.
3. P. ext. Taciturnidade.
4. Interrupção de correspondência epistolar...
5. Interrupção de ruído; calada.
6. Sossego, calma e paz...
7. Sigilo, segredo...
8. Para mandar calar, ou impor sossego (FERREIRA, 2004, p. 1845).

Nos primeiros itens elencados, percebemos que, em seis deles, o silêncio é ligado ao ato de não falar: uma privação, que impede que a comunicação seja estabelecida.

Em seu livro “O ouvido Pensante”, Schaefer (2011), diz que “o silêncio é o resultado da rejeição da personalidade humana”. Falando, ainda, que há um temor à ausência do som, do mesmo modo que temor à ausência de vida. Na necessidade de apurar nossa sensibilidade auditiva para que possamos perceber os sons que foram se perdendo por conta da vida contemporânea, ou sendo por ela “inaudibilizados”.

Embora o silenciar seja tudo isso - um “impedimento” de comunicação, percebemos que a comunicação é imprescindível no mundo em que vivemos. Mas, podemos compreender que a comunicação possa ser exercida e intensificada pelo silêncio. Nossas emoções podem ser comunicadas através dele. Logo, no silêncio podemos encontrar significações intensas de cumplicidade e compreensão.

Francis Wolff, filósofo francês, ilustra bem várias das possibilidades do silêncio em uma passagem de seu artigo “O silêncio é ausência de quê?”

Há quem afirme que o silêncio é signo de virtude, por exemplo a virtude exigível do eterno feminino (a mulher deveria ser discreta, contida, reservada), ou ainda a virtude dos humildes ou dos habilidosos (os que sabem conter sua língua), pode-se opor que o silêncio é também sintoma de um vício de caráter (é o caladão, o taciturno, o retraído, o introvertido, o segredista, o dissimulado, o sorrateiro, o velhaco...). (WOLFF, 2014, p. 35).

Assim, nunca é apenas ausência física de som, mas também presença de sentido. Mas, com sentidos diversos e, muitas vezes devastadores: o silêncio da submissão/violência; o silêncio que se faz por não ter/saber o que falar ou o que se recusa a falar; silêncio como signo de sabedoria/doenças mentais; silêncio como signo de virtude/ausência de virtude=caráter; silêncio como signo de sensibilidade/insensibilidade; silêncio como signo de força=poder/impotência; silêncio do bloqueio e do indizível; silêncio da mudez/surdez; e o temível silêncio o silêncio que remete a censura (prudência, cautela, respeito), que aqui aparece como um silenciamento. Infinitos silêncios que se cruzam e se entrecruzam.

Experiências estéticas

Marcha Mundial das Mulheres

Em novembro de 2016, estava na cidade de Montevideo (UR) junto com um grupo de estudantes do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, em visita a 3ª Bienal de Montevideo – *El Espejo Enterrado*²¹, quando fui surpreendida pela manifestação “Marcha Mundial das Mulheres”.

Sem a liderança de carros de som ou gramofones, ao final da tarde, as mulheres se encontravam ordenadamente na avenida principal de Montevideo, próximo ao Mercado e, de forma silenciosa, e organizada, iam formando e ocupando as quatro longas colunas humanas, todas vestidas de preto. Conforme iam vencendo as quadras, uma onda de silêncio ia encobrindo todas

²¹ A 3ª Bienal de Montevideo ocorreu dentro do Parlamento Legislativo, no período de 29 de setembro a 04 de dezembro de 2016, trazendo como tema *El espejo Enterrado* Isso fez com que o contexto político brotasse de uma maneira praticamente natural. Uma exposição dedicada a política cotidiana.

as pessoas que por ali estavam. O único som ouvido, era o de suas passadas no asfalto. Uma passeata silenciosa que fez ecoar a onda de feminicídio que assolava o Uruguai e a Argentina no ano de 2016.



Imagem 1 e 2: frames do vídeo artesanal
Fonte: acervo próprio

O impacto que senti foi intenso, o que motivou a realização de um pequeno vídeo onde procurei registrar aquilo que via e que me tocava profundamente. Nesse vídeo, podemos ver um exemplo de como pensar a comunicação utilizando o silêncio como ativador da produção de sentidos.

Eni Puccinelli Orlandi, em seu livro “As formas do silêncio”, diz:

O silêncio é assim a “respiração (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito” (2007, p. 13).

A Marcha das Mulheres é esse fôlego da significação. Onde o silêncio de milhares de mulheres fizeram ecoar o pedido de socorro, empoderando cada mulher e dando voz àquelas que foram vítimas de feminicídio.

Esta experiência que passei ao assistir a Marcha das Mulheres, despertou o desejo de analisar os múltiplos significados dos silêncios presentes na sociedade, surgindo reflexões diante do que se entende por silêncio, exigindo que nossa percepção seja mais atenta a fim de que haja uma maior acuidade na observação de suas nuances.

Artistas contemporâneos

Considerando o caráter musical do tema e suas relações com o campo das Artes Visuais, esse estudo também pretende estabelecer reflexões com ações artísticas performáticas.

Mas, inicialmente opto por continuar o mapeamento através de artistas contemporâneos que trazem o tema silêncio em suas obras, como Marina Abramovic²² (foto: performance “The Artist is Present”), Anselm Kiefer²³ (obra: Home), Frans Krajcberg²⁴ (obra sem nome - Incerteza Viva – 32ª Bienal). Obras que ajudam a pensar estratégias micropolíticas para ações artísticas e pedagógicas a serem desenvolvidas.



Imagem 3: “The Artist is present”, Performance, Marina Abramovic (2010)

Fonte: <http://www.gonzatto.com/the-artist-is-present/>

Nesta obra performática, a artista sentava-se silenciosamente em uma cadeira, de frente para uma segunda cadeira vazia. Os visitantes do MoMA (Museu de arte moderna de Nova Iorque/EUA) sentavam à sua frente compartilhando um minuto de silêncio a cada um. Gerou um Tumblr²⁵ chamado

²² Marina Abramovic (1946/-) – artista performática servo-croata.

²³ Anselm Kiefer (1945/-) – pintor e escultor alemão.

²⁴ Frans Krajcberg (1921/2017) - escultor, pintor, gravador e fotógrafo polonês, naturalizado brasileiro.

²⁵ É uma rede social onde são compartilhadas fotos, textos, fotografias

“Marina Abramovic Made me Cry”, registrando o objetivo da performance: tocar as pessoas.



Imagem 4: *Aschenblume (Ash Flower)*, 2004.
Óleo, acrílico e emulsão sobre tela, 2,42 X 2,40 m, Anselm Kiefer
Foto: encurtador.com.br/cglp1

Na obra de Kiefer, o artista trabalha com a convicção de que a arte pode curar uma nação traumatizada e um mundo dividido. Cria pinturas em grandes telas que mobilizam a história da cultura alemã reunindo o passado e as questões éticas do presente, tentando desenterrar o tabu alemão sobre o holocausto. Ele cria pinturas texturizadas de paisagens estéreis, campos e florestas sombrias, que evocam cenas de campos de concentração e fazem alusão à natureza destruída da Alemanha pós-guerra. Seu trabalho incorpora plantas, palha, chumbo, cinzas e outros materiais.



Imagem 5: Três conjuntos de esculturas – apelidadas de Gordinhos, Bailarinas e Coqueiros, Franz Krajcberg (2019).

Foto: <http://www.32bienal.org.br/en/participants/o/2642>

A floresta queimada de Krajcberg foi instalada no andar térreo da 32ª Bienal de S.P., contrastando com a natureza viva exuberante do espaço exterior da amostra. Suas obras são constituídas, em sua maioria, de resquícios da destruição da floresta Amazônica, através de seus troncos calcinados transformados em esculturas.

Nas três obras apresentadas, cada uma com sua linguagem artística, podemos perceber os sentidos diversos do silêncio: o silêncio nas relações humanas, o silêncio e a história e o silêncio e a natureza da qual somos parte.

Percebemos que os aspectos econômicos, políticos e culturais interagem com a Arte e com a vida. E a necessidade de uma ação que possa frear a destruição do planeta. E, ao operar com os conceitos de Ecosofia de Félix Guattari (2015) – ao realizar uma articulação ético-política entre os registros ambiental, social e da subjetividade, encontro aqui uma potencialidade de transformação, saindo em busca de uma instauração de novos modos de valoração da vida. Perspectiva experimental e ecosófica,

voltada para a criação de modos outros de agir, de sentir, de pensar, de se relacionar.

Isso requer um estar atento para o que se passa ao nosso redor. “Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia” (ALVES, 1999, p. 65).

Arte e política

Mas, em tempos em que estamos saturados da macropolítica, fica o questionamento de ser ou não possível articular essas questões através da Arte.

A história da relação entre Arte e política se faz desde o início da civilização. A arte sempre foi política, como vimos ao estudar sua história: comprometimento com a religião, com o retratar governos, ao trabalhar com propagandas a pedido de muitos Estados, ao construir uma identidade nacional.

Ela é política (a arte) enquanto recorta um determinado espaço ou um determinado tempo, enquanto os objetos com os quais ela povoa este espaço ou o ritmo que ela confere a esse tempo determinam uma forma de experiência específica, em conformidade ou em ruptura com outras: uma forma específica de visibilidade, uma modificação das relações entre formas sensíveis e regimes de significação, velocidades específicas, mas também e antes de mais nada formas de reunião ou de solidão”. (RANCIÈRE, 2010, p. 46).

A ideia contemporânea de que a arte é política passa por sua capacidade de reconfigurar o sensível. Corresponde a uma teoria que se embasa na iniciativa de artistas que mergulham no campo ampliado da criatividade humana, onde o caráter político é relacionado ao fato de haver uma integração do trabalho artístico ao agir. Mas o artista não tem controle sobre os efeitos e apropriações de sua arte, não podendo afirmar, com certeza, que ela é política, afinal isso diz de uma interpretação livre do espectador.

A arte não se configura como política pelo teor da mensagem que carrega, e sim na medida em que pode provocar no espectador uma ação consciente que o faz agir politicamente sobre aquilo que percebe e escuta:

As práticas artísticas não são instrumentos que proporcionam formas de consciência nem energias mobilizadoras em benefício de uma política que seria exterior a elas. Tais práticas

não saem de si mesmas para se converterem em formas de ação política coletiva. Elas contribuem para desenhar uma paisagem nova do dizível, do visível e do factível. Elas forjam contra o consenso outras formas de sentido comum, formas de um sentido comum polêmico (RANCIÈRE, 2010, p. 77).

Surge, assim, o desejo de continuar trabalhando com micropolítica, e propondo uma escuta micropolítica, para ativar a construção dos processos de subjetivação entendidos como as “revoluções moleculares” que, para Guattari e Rolnik são processos de diferenciação permanente que permitem o deslocamento da subjetividade por forças externas ao sujeito, também presentes nas manifestações culturais.

Desta forma, esse processo da produção de subjetividade provoca novos modos de pensar, ver, sentir e agir do sujeito, definindo a forma de percepção do mundo. Possibilitando a constituição de elementos de identificação, definindo seus espaços de liberdade, desejo e produção. Movimentos de resistência contra os modos dominantes de produção.

Caos contemporâneo

Penso nas leituras realizadas de Han²⁶ (2015) que enfatiza o esgotamento da humanidade, do excesso de desempenho em todas as instâncias, que faz com que o sujeito se apresente como um indivíduo neurotizado em busca de um ser perfeito. Ser este que cada vez mais se afasta da sua “humanidade”, que deixa de perceber o outro, o entorno e a si mesmo. Tornando-se seu próprio algoz, um animal irracional. Cujas ações muitas vezes animais colocam o indivíduo em situação de desigualdade com outras sociedades, como a das formigas, dos símios e outras tantas. Hoje, só se reproduz comportamentos sem racionalizar.

Questiono como, na sociedade do caos, dar voz aos processos de subjetivação?

Berardi²⁷ (2014) fala do caos contemporâneo, construindo seu pensamento através de Guattari, Hölderlin²⁸ e Han. Fala em ritmo e em caos,

²⁶ Byung-Chul Han (1959/-) – filósofo e ensaísta sul-coreano, professor da Universidade de Artes de Berlim.

²⁷ Franco Berardi (1949/ -) - filósofo, escritor e agitador cultural italiano.

²⁸ Friedrich Hölderlin (1770/1843) – filósofo, poeta lírico e romancista alemão.

sendo ritmo o que se refere não só ao que ouvimos, mas às vibrações do mundo...

Mas o que são as “vibrações do mundo”? O que está contido nesses “ruídos”, já que as falas são inaudíveis?

A soberania política era o som que a lei fazia ao silenciar o ruído do ambiente social. Em nossa sociedade conectiva pós-industrial de hoje, o oposto é verdadeiro: o poder não é mais construído pelo emudecimento da multidão (como, por exemplo, pelo uso da censura, da grande mídia ou da solenidade do discurso político), mas tem como base a intensificação desenfreada do barulho. A significação social já não é mais um sistema de trocas e de decodificação de significantes, e sim a saturação de mentes que ouvem – um hiperestímulo neural. Enquanto o poder político de ontem costumava ser concretizado por uma voz que proclamava a lei em meio ao silêncio da multidão, o poder pós-político contemporâneo é a função estatística que emerge do ruído da multidão (BERARDI, 2018, p. 145).

O ato de perceber essas transformações implica em uma ação ativa capaz de transformar o que é visto, havendo uma relação entre o sujeito e o mundo em que não só podemos afetar o que percebemos, como também podemos ser afetados pelo percebido.

Havendo, assim, uma necessidade de se pôr em silêncio para que possamos refletir e reagir sobre o que se passa a nossa volta. A necessidade de pausarmos. A pausa compreendida como aquela que está entre as notas musicais, como no suspiro necessário para que possamos ouvir as vozes inaudíveis. A necessidade de trabalharmos a experiência estética nos espaços educativos, para que possamos estimular a que todos tenham uma percepção com maior acuidade.

2. PROCESSOS DE CRIAÇÃO

Assim, vejo a importância em discutir o tema pesquisado nos espaços educativos, através das Artes Visuais. A criação artística surge justamente da luta intensa entre os nossos silêncios e o momento da criação.

Nesses momentos a criação surge como um processo, como um verdadeiro “percurso do caos ao cosmos” (SALLES, 2011, p. 41). Existe a necessidade de nos colocarmos em silêncio, de nos recolhermos no nosso “eu”, confrontando os fantasmas que surgem. Vencendo o medo, pois somente livres do mesmo, poderemos ter bondade, cuidado e sentimento profundo, fazendo brotar a criação.

Sendo neste caos que a obra aparece, podendo ser configurada para que possa se transformar numa experiência estética. Lygia Clark disse que temos, cada um de nós, o estado da arte latente. Se para o artista a obra aparece em meio a esse caos, para um estudante o exercício artístico pode proporcionar o aparecimento do objeto estético oriundo de experiências com as práticas pedagógicas. Sendo objeto estético o que advém da relação que um sujeito estabelece com um objeto artístico ou não. Qualquer coisa pode ser um objeto estético se estabelecermos com ele uma atitude estética. E a estética comporta uma série de fenômenos ligados à dimensão da sensibilidade. Bem como as experiências estéticas surgem sempre que adotamos uma atitude estética ante qualquer objeto, como também frente a um som da natureza, a uma música, ao silêncio...

Desta forma, a prática pode levar ao questionamento de como a produção artística pode ajudar na tomada de consciência sobre o que se passa a nossa volta e como ativar essa percepção através da arte educação, levando mais sensibilidade e menos cientificismo para as práticas pedagógicas. Tomada de consciência assim entendida por Krishnamurti:

O que temos de fazer, parece-me, é tomar consciência das condições da nossa existência diária, dos nossos desgostos, das nossas aflições, da nossa confusão e conflito, e tentar compreendê-los muito profundamente, de modo a estabelecermos uma base correta para começar. Não há outra saída. Temos de encarar-nos tal como somos, em vez de tentar ajustar-nos a qualquer padrão ou a qualquer ideal. Temos de encarar realmente aquilo que somos, e a partir daí dar origem a uma transformação radical (KRISHNAMURTI, 1964, p. 18).

Para Freire (1980) a ação conscientizadora ocupa uma posição relevante e determinante através da prática pedagógica, importando uma reflexão sobre a natureza da consciência, em si mesma, e da conscientização como processo – das relações homem-mundo. O processo conscientizador é uma contribuição para a dinâmica da libertação do homem, em que a educação é o caminho.

Essa compreensão das artes de fazer cotidianas se dá pelo olhar sensível, Duarte Jr (2010). Mais do que pelos modelos de análise de pensamento sugeridos pela psicanálise. Suas análises procuram mostrar atos humanos considerados inteligíveis em cenários aparentemente repetitivos e sem importância.

Certeau (2019), também parte do pressuposto de que é a relação social que determina o indivíduo e não o inverso, por isso, só se pode apreendê-lo a partir de suas práticas sociais. Relação social compreendida como práticas cotidianas, como ler, conversar, habitar, onde se observam as “maneiras de falar” e as “maneiras de caminhar”. Práticas cotidianas que fazem parte da cultura onde esse indivíduo está inserido. Dizendo que essas práticas sociais, em tempos de hiperconectividade, são rapidamente alteradas.

A comunicação se dá cada vez mais imagética, para que seja possível a assimilação do máximo de conteúdo no menor espaço de tempo, tornando-se um dos principais agentes de transformação na sociedade. Para o autor, a relação social é aquela compreendida como práticas cotidianas de ler, conversar, habitar, onde se observam as “maneiras de falar” e as “maneiras de caminhar”, pelas quais o indivíduo pode seduzir, persuadir, refutar.

Essa velocidade estonteante da comunicação através das mídias, leva à privação de momentos de silêncio, criando novas formas de pensar, existir e

conviver, criando um impacto determinante na subjetividade. Atribuindo ao silêncio um significado negativo e algo a ser evitado.

Ação experimental

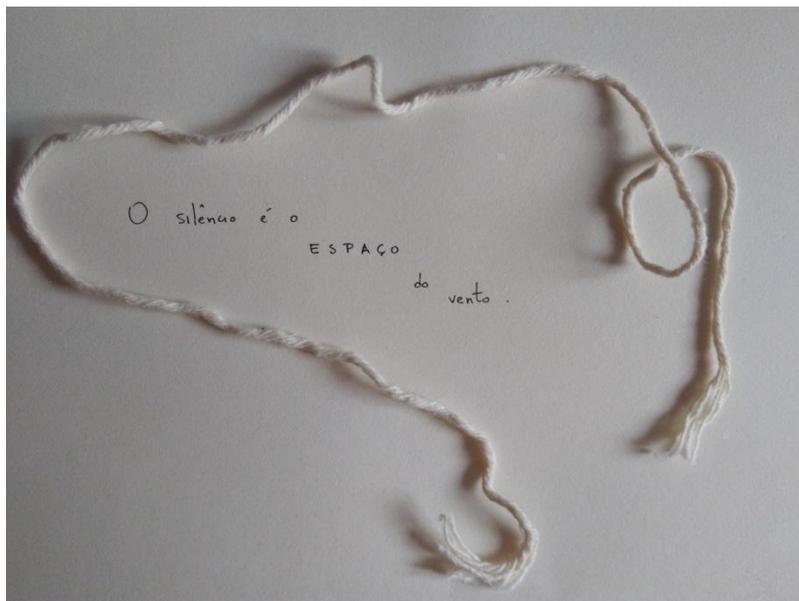
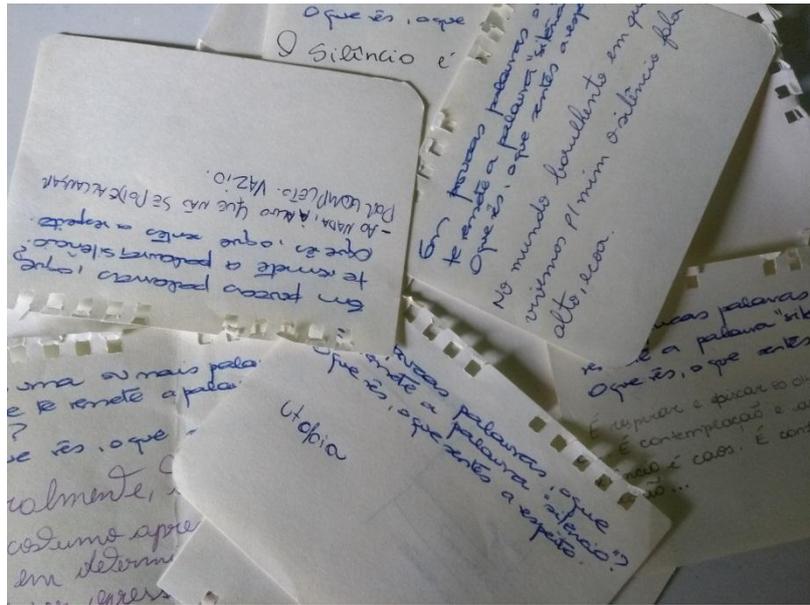
Entendendo que o ato de pesquisar deve estar apoiado “a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer” (PASSOS; BENEVIDES, 2010, p. 18), desenvolvo a primeira proposta pedagógica, aplicada com os colegas do PPGAV, na disciplina Arte, Ecologia e Saúde.

A proposta pedagógica denominada “O Silêncio do Cotidiano”, propõe aos colegas duas tarefas: 1- responder sucintamente em uma ou duas palavras, o que remete a palavra “silêncio”; 2- com o uso do celular, captar uma imagem que melhor traduz a resposta dada. O objetivo é trabalhar a observação, olhando as coisas do mundo, ativando um novo olhar sobre o entorno.

As respostas dadas pela maioria, refletem a dificuldade em se por em silêncio. Falar do silêncio não é algo fácil nem confortável, já que “o silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas” (ORLANDI, 2007, p. 32).

Enfatizo, assim, a importância do educar para ouvir-se. Recebi respostas como: tranquilidade, paz, conjunto vazio/nada/ausência externa, tranquilidade, não compreensão/natureza onipresente, espaço do vento, vovó, saudade/perda/vazio, correria. E, a dificuldade foi ainda maior ao transformar as palavras em imagens...

Voltando novamente a Rubem Alves (2005), quando ele traz o exemplo dos pianistas que, antes de iniciarem a música, colocam-se em silêncio como uma forma de conexão com o “eu”, expulsando todos os pensamentos estranhos. O “silêncio de dentro = ausência de pensamentos” que permite ouvirmos coisas que antes não percebíamos.



Imagens 6 e 7 – “O silêncio do cotidiano”, Prática pedagógica proposta junto a disciplina Arte, Ecologia e Saúde, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, 2020.

Fonte: acervo próprio.

E, esta pesquisa está sendo atravessada por um período de transformação planetária. O mundo está vivendo uma epidemia que levou ao distanciamento social das pessoas. Um impedimento físico fazendo com que todos devam ficar reclusos em suas casas, embora alguns não o façam.

Essa quarentena, que por hora nos é imposto, nos leva a refletir sobre a nossa existência, questionando nosso papel no mundo.

Ailton Krenak, ao conceder entrevista a Bené Fonteles²⁹ para o catálogo “com Vida”³⁰ explora muito bem esse assunto. Essa dor que atravessamos, ao assistirmos milhares de vidas sendo encerradas, empilhamento de corpos nas ruas colombianas, a Europa enfrentando uma crise sem precedentes em seus hospitais, entre milhares de outros cenários impossíveis de serem todos aqui elencados... Isso nos coloca ao pé do pedestal por nós erguidos: - quem somos nós nessa pirâmide?

Nós nos acostumamos com a ideia de que somos uma humanidade. Embora a ideia tenha sido naturalizada, ninguém mais presta atenção ao sentido do que venha mesmo ser humano. [...] E veja agora esse vírus, um organismo do planeta, responder a essa alienação dos humanos com um ataque à forma de vida insustentável que adotamos por livre escolha, essa fantástica liberdade que todos adoram reivindicar, mas ninguém se pergunta sobre o seu preço. [...] Veja que esse vírus está discriminando essa humanidade. Ele não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Apenas a humanidade está sendo discriminada. Quem está em pânico são os povos humanos, o modo de funcionamento deles entrou em crise. Consolidaram esse pacote que é chamado de humanidade, que vai sendo descolada de uma maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (KRENAK, 2020, p. 6-7).

Como mudar essa realidade? Como criar antídotos a esse sistema? Sabemos que pequenos atos podem reverberar numa transformação social. Como a grande maioria que se dispôs e pode fazer a quarentena, coloco-me também em silêncio, para que eu possa melhor sentir as transformações externas. Tentando equacionar como, nos dias atuais, posso contribuir a perceber o mundo. Principalmente agora, que num primeiro momento, a vida virtual toma destaque.

Dando início ao processo de escrita, transporto-me para a natureza, onde instalo um refúgio de pano: uma barraca cuja abertura vislumbra um mundo possível. Um local onde a natureza retoma seu lugar de destaque. Um

²⁹ José Benedito Fonteles (1953/-). Artista plástico, jornalista, editor, escritor, poeta e compositor.

³⁰ Link do catálogo: <https://museupalacetedasartes.files.wordpress.com/2020/06/catc3a1logo-quarentena-03.06.2020.pdf>

momento de desaceleração tão necessária e, há alguns meses, impossível de ser pensada por muitos.



Imagens 8 e 9 – “Casa de Pano – lugar de escuta”. Ana Safons, 2020.
Fonte: acervo próprio.

E este lugar, que denomino de “casa de pano – lugar de escuta” é “ a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2019, p. 201). A minha base, meu ponto de partida, onde passo a gerir as relações com uma exterioridade. Onde penso em como levar a experiência do silêncio aos espaços educativos, através de uma prática artística que busque estimular um alargamento do olhar a respeito da natureza, propiciando diálogos e incentivando mudanças comportamentais tão

necessárias, para a preservação e cuidado, não só do mundo, mas da nossa espécie.

Amyr Klink³¹, em seu livro “Não há tempo a perder”, nos diz que “com um barco, você não vai apenas atrás do mundo, mas coloca pedaços do mundo, por onde anda, nas janelas de sua casa. (KLINK, 2016, p. 195). Esse foi o gatilho para a criação do meu lugar de escuta. Despertando essa possibilidade. Não através da escotilha de um barco, mas da abertura de uma barraca de pano, onde posso vislumbrar um pedaço do mundo, um pedaço da natureza, um lugar de contemplação, de desaceleração, de reflexão e criação.

Assim, em meu pequeno e grandioso espaço, sigo minhas navegações, vasculhando o mundo que corre lá fora, imersa em leituras que possam alargar meu olhar, vasculhando profundezas, em busca de como contribuir nas reflexões e relações com a arte e os processos éticos e estéticos da criação.

O ser humano hoje precisa ter uma experiência autêntica na sua vida – isso é o que esta faltando. [...] Hoje, o contexto mudou, você tem muito estímulo para ficar em casa, se aquietar, só vendo o outro moleque se atirando pelo precipício, pela tv. É legal olhar. Mas é importante sentir o cheiro, tocar, encontrar, viver a EXPERIÊNCIA, fazer parte de fato. A maioria não sai para viver sua própria vida, o que é uma pena (KLINK, 2016, p. 194).

Este apelo que sinto da natureza é um exercício de sensibilidade, no qual as minhas vivências passam a possuir um significado e conteúdo. E, a partir do meu processo de criação, essas vivências se intensificam sempre que estimuladas por meio das interações entre o fazer, conhecer e exprimir.

A arte aqui, surge como um mecanismo capaz de questionar nossas ações e levar a uma maior conscientização capaz de modificar comportamentos. Questionando quais as possibilidades de ressignificação dos materiais “respigados” na natureza, que podem servir como um alargador do olhar. Compreendo a arte como uma possibilidade de exploração de inúmeras questões da sociedade a partir de uma perspectiva ecológica, que vai desde a produção de alimentos, design de móveis, de vestuário, transporte e inúmeros outros.

³¹ Amyr Klink (1955/ -) é um navegador e escritor brasileiro.

Transformando uma série de materialidades que muitas vezes não possuem sentido prático, em objetos com um novo significado. Como Willian Tucker³² (1999) fala, na sensibilidade para as propriedades estéticas de materiais “comuns”.

Assim, o ato de criar “significa poder compreender e integrar em novo nível de consciência [...] este fazer é acompanhado de um sentimento de responsabilidade, pois se trata de um processo de conscientização” (OSTROWER, 1990, p. 253).

Reiterando a necessidade de reinventar maneiras de ser guattarianas: aprender a desenvolver uma percepção sensível frente às nossas relações cotidianas, inter relacionando com o meio, com o planeta.

Com esta responsabilidade, mapeio não só as linhas constitutivas das coisas e dos acontecimentos por mim experienciados, de forma a pensar diretamente nos materiais existentes na natureza. Procurando produzir realidades não pautadas pelo visível e pelo vivido no cotidiano urbano, destacando as relações que são estabelecidas com o mundo por meio da cultura, sentimentos e valores.

Produção de trabalhos

Meu processo de criação relaciona-se a uma provocação estética e reflexiva com o intuito de procurar promover uma nova percepção dos elementos retirados da natureza, local em que a arte se revela como território de afetos e processos. Proponho provocar o fruidor a perceber com mais sensibilidade, trazendo os elementos do meio rural para o meio urbano, em especial, para as galerias, museus e espaços urbanos, aqui incluídas as escolas.

Assim, o trabalho permanece tendo como característica fundamental, ser construído com materiais orgânicos, os quais são deslocados para o meio urbano, onde são rearranjados. As esculturas são feitas geralmente, com folhas, galhos, cinzas, pedras, troncos, cascas, plantas, etc.

Krajcberg é um dos meus principais referenciais artísticos. Em sua obra ele utiliza elementos da natureza que sofreram depredação do homem,

³² Joseph Mallord William Turner (1775/1851) - pintor romântico inglês, considerado por alguns um dos precursores da modernidade na pintura, em função dos seus estudos sobre cor e luz.

fazendo um contraste com a natureza viva. Suas esculturas são instrumentos de denúncia, de indignação. A arte como um grito: “- como fazer gritar uma escultura como se fosse minha própria voz” (KRAJCBERG, 2008).

O foco fica geralmente na criação de objetos ou nas mudanças sutis dos elementos, que podem ou não destacar suas características ou explorar as formas naturais dos próprios materiais. Procurando produzir realidades não pautadas pelo visível e pelo vivido no cotidiano urbano, destacando as relações que são estabelecidas com o mundo por meio da cultura, sentimentos e valores.

Realizo uma série de trabalhos de exploração dos recursos naturais, costurando parasitas, como a erva de passarinho, tecendo com cascas, cipós, criando objetos do cotidiano com recursos da natureza, muitas vezes ressignificando esses objetos e esses materiais.

Dando continuidade aos meus trabalhos de exploração das florestas naturais, destaco “Pindorama” – desloco bambus da natureza para o espaço expositivo. Inúmeras varas de bambu com cerca de 2:50/2:80m que ficam suspensas de cabeça para baixo, fazendo com que a percepção do olhar seja alterada. Trabalhando com os conceitos de suspensão, leveza e efemeridade.



Imagem 10: Pindorama – Ana Safons (2019). Escultura com bambus e tela.
Dimensões: 3:00 x 1:50 x 5:20 m.
Fonte: acervo próprio

Em outro trabalho denominado “Porção de silêncio” faço uma releitura da brincadeira de enclausurar uma cigarra numa caixa de fósforo para apreender e amplificar o seu som. Dentro da caixa há um mp3 que, quando acionado, executa uma gravação de um áudio de uma cigarra. Evidenciando que nem sempre o “silenciar” silencia. O “silêncio ecoa” (ORLANDI, 2007, p. 30).



Imagem 11: “Porção de silêncio”. Ana Safons (2019) Escultura sonora feita em papelão e tecnologia mp3; com dimensões 0:40 X 0:60 X 0:15 cm.
Fonte: acervo próprio.

Neste trabalho com Arte Sonora, podemos fazer algumas problematizações que vão além da brincadeira ingênua de enclausurar o som de uma cigarra. Essa brincadeira antiga, põe em evidência o homem como o centro do universo. Aquele que tudo pode. A atitude de utilizar quaisquer espécies como um recurso a ser explorado. Aqui, uma “simples” brincadeira de criança, mas que pode perpetuar em adultos que passam a enxergar a natureza como uma fonte inesgotável, resultando em degradação, às vezes ao ponto de extinção dos recursos biológicos.

Fica aqui a provocação de substituição de uma ética antropocêntrica por uma nova ética ambiental, para que, num futuro não tão distante, só reste aos “humanoides”, a escuta de uma cigarra somente através da forma proposta: através do uso de tecnologia e de um trabalho artístico que se propõe ser crítico...

Ainda junto à natureza foi criado o trabalho “Paisagem Sonora” – um áudio de 1440 minutos (24 horas) de gravação, captando sons diretamente na natureza, numa chácara localizada no meio rural da cidade de Pelotas (RS/Brasil).



Imagem 12: “Paisagem Sonora”. Ana Safons, 2018.
Fonte: acervo próprio

O áudio captado foi feito de forma artesanal, sem utilização de equipamentos profissionais específicos. Com a utilização de um aparelho celular, os sons foram gravados sequencialmente, a partir da zero hora até às 24 horas, para captar os sons do momento: anoitecer, amanhecer, de forma a registrar como a fauna reage a esses momentos. No decorrer do dia, o aparelho teve deslocamentos pontuais: bambuzal, copa de árvores, galpão de ordenha, caixa apícula, gramado.

No áudio gravado, não existe um momento de silêncio, demonstrando que tudo na natureza é manifestação sonora: vento, árvores que se curvam, insetos, aves, animais em geral: todos se manifestam em qualquer situação.

Isso propiciou que fosse captada a paisagem sonora natural que, segundo Schafer (1977), possui seu próprio som e esses sons são tão originais que constituem marcos sonoros, dando uma consistência à paisagem sonora.

Comparada à vida silenciosa dos pastos e às vibrantes celebrações da caça, a paisagem sonora da fazenda fornece todo um turbilhão de atividades. Cada animal tem seus próprios ritmos de som e silêncio, de despertar e repousar. O galo é o eterno despertador e o latido dos cachorros, o telégrafo original, pois a invasão de uma propriedade por um estranho logo é denunciada pelo latido dos cachorros, passado de um sítio a outro” (SCHAFER, 1977, p. 77).

Este trabalho fez parte da exposição Olhares Ecosóficos, apresentada no Espaço Incomum, junto a Universidade Federal de Rio Grande – FURG, no ano de 2019. O resultado da exposição coletiva, deu origem ao e-book “Olhares ecosóficos na arte contemporânea: pesquisas em contextos poéticos de ensino³³”, um trabalho que surge como tática de promoção dessa arte/vida. Nele escrevo um capítulo sobre parte de minha pesquisa, especificamente sobre o trabalho Paisagem Sonora.

Em meus trabalhos procuro, de uma forma ainda tímida, trazer reflexões acerca do mundo em que vivemos. Refletir sobre experiências junto a natureza, o tempo, a desaceleração em contraste com a velocidade da vida contemporânea, de forma a habitarmos melhor o mundo. Pensar no trabalho de arte não só como um objeto, mas como compartilhamento de experiências baseadas numa nova percepção do olhar.

Mas consciente que um pequeno desvio pode produzir outras direções. O “clinamen”³⁴ – um efeito de produção que através de uma pequena ação, gera mil outras possibilidades. Pequenos atos que podem reverberar numa transformação social.

Voltando à reflexão: o que nos leva a essa construção social do silêncio? O que significa o silêncio? Como compreendê-lo? Como os artistas o expressa? Reflexão que deverá observar diversos aspectos como os culturais e sua localização geopolítica – Ocidente e Oriente.

Através de uma análise mais sensível, teremos uma maior compreensão da comunicação e da linguagem humana. Desta sociedade contemporânea cada vez mais globalizada, onde o pensamento crítico passa a ser mais secundário e/ou superficial.

³³ In <http://repositorio.furg.br/handle/1/9598>

³⁴ Teoria desenvolvida por Lucrecio a partir da doutrina de Epicuro, que consiste num desvio imprevisível dos átomos, causado por um pequeno movimento aleatório lateral. Os átomos de Demócrito e Lucrecio, caem no vazio em trajetórias retas e paralelas, de cima para baixo, devido ao seu peso. Mas que, nesse movimento, também realizam “desvios” infinitesimais em relação a estas trajetórias lineares, em movimentos e posições ao acaso, e acabam chocando-se uns com os outros, aglutinando-se a partir desses choques e, assim, formando todas as coisas.

Ancorar um plano

A navegação teve seu início junto com o aparecimento da SARS-CoV-2, e o conseqüente “clinamen” provocado pelo vírus.

Hoje, estamos iniciando uma nova onda frente à variação Omicron³⁵, correndo o risco de retornarmos ao isolamento social, como ocorreu no ano de 2020.

Em 16 de setembro do corrente ano de 2020, quando realizei o primeiro contato com uma professora de Artes Visuais, regente das turmas de duas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas, estávamos no início da pandemia. E, aqui, meu maior interesse era o de conhecer a realidade da sala de aula de uma professora de Artes, do meio rural, em tempos de pandemia, isolamento social e ensino à distância. Isso com o intuito de poder alinhar uma proposta de prática pedagógica a ser desenvolvida e analisada para fins da pesquisa.

A realidade por ela passada não foi nada animadora, mas também não desestimulou o desejo de realizar a prática. A professora ministrava aulas para 300 (trezentas) crianças e adolescentes, seguindo as diretrizes dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Durante a pandemia, inicialmente o conteúdo a ser desenvolvido, propostos pela SME (Secretaria Municipal de Ensino) foram conteúdos sócio emocionais (como o COVID-19), para as turmas das séries iniciais. Mas a comunidade solicitou que esse assunto não fosse mais explorado nos trabalhos realizados. Após esse pedido, os temas ficaram mais restritos a ações motivacionais e a ludicidade. Nas séries finais, trabalhava com muita releitura de imagem. Os trabalhos eram enviados, via grupos criados no *whatsapp*³⁶, sendo postados sempre no mesmo dia da semana. Segundo a professora, os pais recebem as mensagens e repassam as crianças/adolescentes. No início as atividades eram semanais. Atualmente, em função de que a grande maioria não completa todas as atividades, a SME

³⁵ Até o momento, a OMS identificou cinco variantes de preocupação do vírus. Além disso, existem duas variantes de interesse e sete cepas sob vigilância. No dia 26 de novembro de 2021, essa linhagem foi incluída pela OMS, na lista de variantes de preocupação, pois, pode haver evidências ou de aumento da transmissibilidade, doença mais grave (aumento de hospitalizações ou óbitos), redução significativa da neutralização por anticorpos gerados durante infecção ou vacinação anterior, eficácia reduzida de tratamentos ou vacinas.

³⁶ Whatsapp é um software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet.

(Secretaria Municipal de Ensino), determinou que o envio das atividades fosse feito quinzenalmente.

Vários foram os problemas por ela enfrentados, como o grau de escolarização dos responsáveis, e o fato de que a pandemia em nada - ou em pouco, alterou a rotina de trabalho dos familiares, pois trabalham em agricultura familiar. E, o que é pior, levam os filhos para o trabalho.

Diante desta realidade relatada, apesar da disponibilidade da professora e do corpo pedagógico da escola em aceitar a minha proposta de intervenção pedagógica, resolvi pensar em outras possibilidades.

Retornando a navegação em mar aberto, sendo também vítima das águas caldosas e revoltas, passo da teoria para a prática: assumo minha vaga como Arte Educadora da Rede Municipal de Ensino de Pelotas e, também, junto a uma escola da rede privada de ensino, na cidade de Pedro Osório (RS), com característica filantrópica. Passo, então, a fazer parte da realidade descrita pela professora entrevistada.

Assumo mais de 300 estudantes e passo a desenvolver minhas atividades práticas, como Arte Educadora. Inicialmente, de forma remota; passando para aulas híbridas (presenciais e remotas) e finalizando nas aulas presenciais que duraram somente 30 dias.

Os oito meses de prática como Arte Educadora, em plena pandemia, deram sementes e frutos suficientes para infinitos planos a serem implementados, investigados e estudados. A sala de aula tornou-se a minha grande escola - o melhor lugar que eu poderia estar naquele momento, nesse ponto da minha pesquisa.

O universo me deu um contexto ideal: passei a habitar o local onde as coisas acontecem de verdade, propiciando a me levar rumo à viagem que já havia traçado. Os planos – assim como os sonhos, existem sozinhos. Mas só crescem a partir de um contexto, necessitando tomar corpo para se tornar construção.

Assim, a necessidade de ancorar num plano para servir como ponto de partida para análise de minha pesquisa, fez com que centrasse o olhar para o porto definido: seguir a orientação de minha banca de qualificação e pensar em um curso de formação de formadores a ser aplicado junto aos egressos da Universidade.

Lanço-me novamente, rumo à viagem traçada. Não mais com o medo de ficar à deriva num mar de incertezas.

É chegada a hora de soltar as amarras, lançar os cabos e empurrar o casco rumo a experienciar o silêncio...

3. EXPERIENCIAR O SILÊNCIO

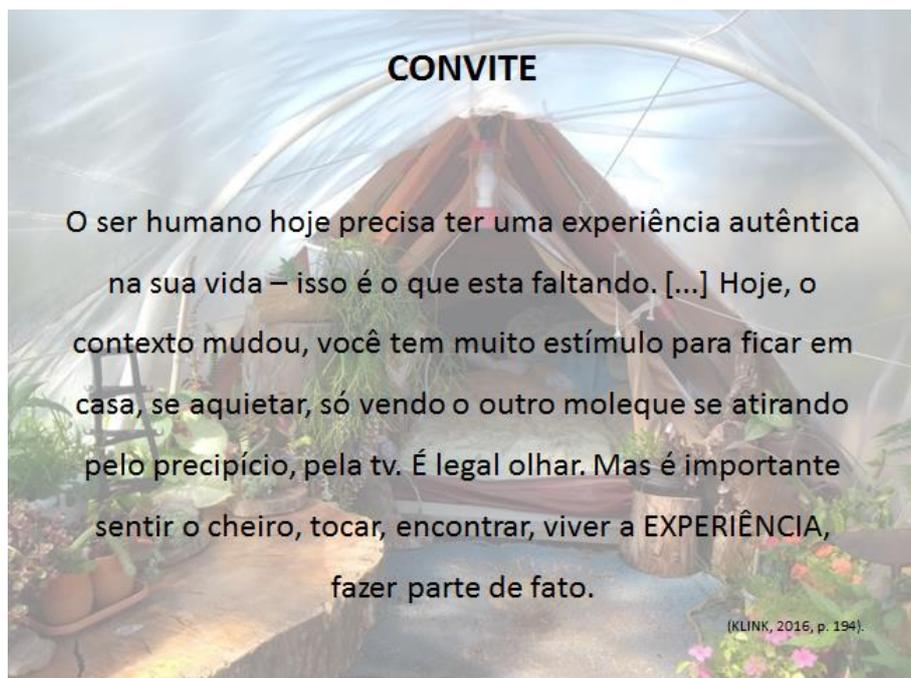
Sinto a importância de procurar pensar, discutir e partilhar o tema pesquisado junto aos colegas engajados com educação..

Proposição do curso

O projeto do curso denominado “A micropolítica do sensível: o silêncio e a arte em contextos educativos”, surge da necessidade de obter dados específicos sobre o objeto da presente pesquisa.

Entendendo que o ato de pesquisar deve estar apoiado na experiência, “a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer” (PASSOS; BENEVIDES, 2010, p. 18), ofereço um curso de 40 horas, no sistema Ensino à Distância – EAD, a interessados que estejam engajados com a educação, em diferentes contextos educativos. Buscando compartilhar experiências individuais, instaurando reflexões sobre o que nos cerca, procurando ir além do senso comum.

Dou início a criação de um convite virtual, enviado a Educadores, artistas e pesquisadores para participar do curso de formação de formadores, com o intuito de, juntos, refletirmos sobre o silêncio e seus significados. Buscando através do silêncio, acionar os sentidos com relação ao que nos cerca, permitindo a criação e a crítica através de sua sensibilização.



Imagens 13 e 14: Convite
Fonte: acervo próprio

Nossa tripulação foi constituída de navegadores com distintas áreas de atuação, todos cientes de que seu navegar não dependia apenas de suas habilidades náuticas, mas principalmente de estarem abertos a perceberem-se como uma “ilha” a ser desbravada: uma professora da rede pública da grande São Paulo, um professor que atua na rede municipal de ensino de São

Lourenço do Sul/RS, duas educadoras/pesquisadoras que atuam em projetos sociais, e a presença participativa e atuante do professor orientador desta pesquisa.

O curso foi composto por 8 encontros (7 síncronos e 1 assíncrono), através de link fornecido aos inscritos, através de aulas expositivas e reflexivas.

Como caminho metodológico foi solicitada a criação de propostas pedagógicas sobre o tema silêncio, para uso em atividades de ensino. Material produzido individualmente e, ao final, resultando numa produção coletiva através de um catálogo digital com as propostas pedagógicas desenvolvidas a serem amplamente divulgadas, com o objetivo de contribuir para o repertório artístico/pedagógico de educadoras(es).

Experienciando o silêncio

A didática utilizada para cada um dos nossos encontros virtuais presenciais foi desenvolvida de forma a ir, gradativamente, inserindo os participantes ao tema.

No primeiro encontro o objetivo foi o da apresentação individual, com uma roda de conversa, denominada “Espaço de fala”. Ocasão onde cada um fez uma pequena apresentação ao grupo, falando sobre si, sua trajetória profissional e sua perspectiva frente ao convite recebido e aceito.

Nesse primeiro contato já começamos a nos deparar com as dificuldades que enfrentar íamos no decorrer do curso: a dificuldade de explorar a ferramenta da internet como um meio eficaz para a prática educativa, frente à oscilação de sinal, equipamentos inadequados e a pluralidade de locais remotos de difícil acesso. Os participantes moram em diferentes localidades: cidade de Rio Grande – área central e bairro, São Paulo, Pelotas e interior de São Lourenço do Sul. Demonstrando, com isso, as dificuldades enfrentadas por todo campo educacional nesses tempos de pandemia: o silêncio surge aqui, como um impedimento de comunicação.

No próximo encontro, foi apresentada ao grupo a pesquisa a qual eles foram convidados a fazer parte, com a contribuição na busca de dados específicos sobre o silêncio e seus possíveis significados, como possibilidade de criação de mecanismos micropolíticos.

A partir desse momento, as partilhas começaram a ser parte integrante dos encontros. Cada um trouxe, inicialmente, uma palavra e uma imagem sobre a sua percepção sobre o silêncio. Aqui, já conseguimos verificar o quanto o silêncio carrega das vivências individuais. O quanto em nós há de silêncio.



Imagem 15 Figura 1
Palavra: Foco

Fonte: <https://revistapesquisa.fapesp.br/estetica-da-ruptura/>



Imagem 16: Figura 2
Palavra: Nada
Fonte: acervo pessoal da Tripulante II



Imagem 17: Figura 3
Palavra: Solitude
Fonte: acervo pessoal do Tripulante III



Imagem 18: Figura 4
Palavra: Pousio
Fonte: acervo pessoal da Tripulante IV



Imagem 19: Figura 5
Palavra: Intervenção
Fonte: acervo pessoal do Tripulante V



Imagem 20: Figura 6
Palavra: Casa de Pano
Fonte: acervo pessoal

Esta prática, a princípio simples, fez aflorar nos participantes sentidos de muita reflexão, trazendo à tona emoções há muito escondidas ou guardadas a sete chaves. Demonstrando o quanto o silêncio traz de presença de sentido, como o silêncio do bloqueio e do indizível.

Nessa prática, uma das tripulantes nos relata que a experiência inicial com o tema, fez aflorar emoções, sensações e lembranças muito fortes. Frente a tela do *Libreoffice*³⁷, a Tripulante deu asas ao processo de criação, procurando produzir uma imagem que representasse o seu silêncio.

O silêncio surgiu como uma forma de experiência frente a vida. Ela relata um atropelamento de bicicleta que a deixou 24 horas inconsciente em uma cama de hospital. É dessa experiência que surge a palavra NADA (escuridão), quando, antes de abrir os olhos ela foi retomando a consciência, sem lembrar-se de nada, sentindo somente uma escuridão. E, ao abrir os olhos, vê diante de si, no teto de seu leito, retângulos brancos. Relata uma

³⁷ O LibreOffice é um software livre e de código aberto, com editor de apresentações Impress, aplicação de desenho e fluxogramas, dentre outros recursos.

ausência de tudo, de sentimentos, de conflitos. Pairando sobre ela, uma infinita tranquilidade.

Ao pensar sobre o NADA, suas mãos foram construindo esse desenho preto com os retângulos feitos em linhas brancas (vide imagem 16, Figura 2). Ao passar pelo processo de criação da imagem, as recordações foram voltando, quando passa a refletir sobre uma cela de prisão, surgindo a imagem produzida, simbolizando esse entre lugar, onde coabitam vida e morte.

O forte relato e o simbolismo que a imagem carrega nos fazem pensar sobre esses infinitos silêncios que nos habitam e a necessidade de explorarmos o tema para tentar compreender os seus significados.

FOCO para voltar-se para si; a necessidade de dedicarmos um tempo para nos reconciliarmos com nós mesmos. “Buscar se ouvir, para poder se escutar e tornar-se voz”. Como na imagem “*Máscara abismo*”, de Lygia Clark.

O momento necessário de pausa. O POUSSIN³⁸ necessário para que possamos nutrir a nossa existência mental e corporal, assim como a natureza pausa para regenerar-se e, assim, voltar a produzir...

Nosso local de pausa, de reflexão, de encontro com nossos pensamentos, com nosso corpo, respiração e sentidos. A SOLITUDE. Quando procuramos ficar sozinhos, em nossa “única e prazerosa companhia”. Mesmo na imensidão desértica do gelo, nunca estamos verdadeiramente sós.

Começam a surgir vários significados para a palavra “silêncio”.

Nos demais encontros realizados, todos iniciaram com a apresentação de um “ativador de silêncio”. Forma como designei os vídeos/imagens que separei para serem apresentadas ao grupo, com o único intuito de deslocar o olhar dos tripulantes para o horizonte a ser desbravado.

Como “ativadores de silêncio”, percorremos as obras de Raquel Stolf e Vitor Cesar - Singularidades/Anotações(2014)³⁹, Cláudia Paim – Devastação

³⁸ Descanso que se dá a uma terra cultivada, interrompendo-lhe a cultura por um ou mais anos, para repousar e se recuperar, de forma a torná-la mais fértil. Prática ancestral realizada pelos povos indígenas.

³⁹ Raquel Stolf é artista, pesquisadora e professora nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Vitor Cesar é artista visual e designer, com formação em arquitetura. In <https://www.youtube.com/watch?v=Geg4EcL27iw>

(2016)⁴⁰, Bill Viola – “ Mártires” (2014)⁴¹, Kunio Katô- La Maison em petits cubs (2008)⁴² e Christian Boltanski- Personnes; Monumenta (2010)⁴³.



Imagem 21: Composição
Fonte: acervo próprio

O objetivo não era falar ou analisar as obras apresentadas, mas somente assistir e sentir para que, ao ter contato com as várias linguagens das Artes, pudéssemos traçar passo a passo, individualmente, nossa percepção do silêncio e pensar numa forma de ativá-lo nos espaços educativos.

⁴⁰ Cláudia Paim foi artista visual, tendo trabalhando sobretudo com performance, vídeo e fotografia. Professora na graduação e pós-graduação em Artes Visuais da FURG. In <https://vimeo.com/181434198>

⁴¹ Bill Viola é um videoartista que se caracteriza por criar videoinstalações com sons ambientais e arte performática rompendo com estruturas estabelecidas. In https://www.youtube.com/watch?v=1_ZcloGeRIQ

⁴² Kunio Katô é um animador japonês. Como reconhecimento, foi nomeado ao Oscar 2009 na categoria de Melhor Curta-metragem de Animação por La Maison en Petits Cubes. In <https://www.youtube.com/watch?v=9KM7TrJ2CHw>

⁴³ Christian Boltanski foi um artista francês multifacetado: pintor, artista plástico, escultor e fotógrafo. In <https://www.youtube.com/watch?v=PO8gPq9Ovms>

Foram, assim, surgindo vários trabalhos, trazendo inúmeras linguagens da arte: música, poesia, performance, objetos... E, surgindo vários momentos de compartilhamento e partilha sensível.

Em uma das práticas realizadas, solicitamos que cada tripulante trouxesse para nossa embarcação, objetos carregados de silêncio e que cada um compartilhasse sua escolha com o grupo. Dentre os inúmeros objetos que foram surgindo, um ganhou especial destaque para o grupo: um cachecol amarelo.

Um cachecol de lã, feito à mão, utilizado pelo Tripulante, o qual remete a lembranças de sua avó. Ausente de cheiros, de imagens, a rica herança deixada por ela ao falecer, muito mais que uma imagem, projetavam a sua presença doce e marcante. Esses momentos de partilha e sensibilização foram a cada encontro tomando corpo e potência.

Ao apresentar como vídeo “ativador de silêncios”, a performance da artista plástica Claudia Paim – Devastação, uma onda de silêncios reverberaram dos quatro pontos geográficos do nosso grupo. A potência da performance somado a lembrança de alguns dos tripulantes, fizeram aflorar relatos sobre a artista, educadora e pesquisadora, muito mais potente (ou tão potente quanto) a performance “Devastação”.

Como o relato da aluna ao encontrar sua então professora, Claudia Paim, nos corredores da universidade. As duas param, Claudia a olha e, com uma das mãos pega a mão da aluna e, com a outra, retira de sua cabeça um tufo de cabelos e deposita na mão estendida e a fecha... seguindo sua trajetória como se nada houvesse ocorrido...

Um ato, carregado de silêncios e significados: a partilha de uma educadora que compartilha um pedaço de si com sua aluna. Um grau de sensibilização que não cabe em palavras, como se dissesse: “- deixo contigo, um pedaço de mim”.

Percurso navegado

Esse trajeto navegado no curso apresentado, proporcionou a todos uma transformação profunda, não só nos tripulantes como em mim, como arte educadora.

O curso surge não só como um dado de pesquisa, mas como material que me retroalimenta nas práticas pedagógicas.

A proposição para que a tripulação organizasse, de forma individual, um material que servisse de prática pedagógica a ser aplicada em espaços educativos resultou em um potente material agrupado em forma de um Catálogo Digital para ser distribuído nas redes de ensino, abrangendo diretamente São Paulo e Rio Grande do Sul.

O grupo heterogêneo dos participantes, professoras e professores de redes públicas de ensino e educadores independentes - uma professora da rede pública da grande São Paulo, um professor que atua na rede de São Lourenço do Sul/RS, duas educadoras/pesquisadoras que atuam em projetos sociais, somado a contribuição do professor orientador e dessa mestranda, formaram um potente material sobre o silêncio com diferentes formas/percepções de como ativar essa “escuta” nos espaços educativos.

Fizemos essa incursão transitando por diferentes linguagens da arte contemporânea, criando um despertar potencializador dos processos de subjetivação dos participantes.

As propostas pedagógicas que foram sendo delineadas, trouxeram os mais diversos aspectos do silêncio: o silêncio que nos remete às nossas memórias; que nos leva a perceber os objetos que nos rodeiam; o silêncio que desperta a nossa sensibilização ambiental para que possamos ter na ciência uma relação sensível...

Como na prática pedagógica proposta pela Tripulante I, denominada **“Experimentações do corpo in silêncio”**.

Uma oficina criada e realizada, com o objetivo de construir um espaço de experimentação estética em grupo, *on line*, em que a comunicação do silêncio acontece através da comunicação não verbal. Sentindo e expressando o silêncio na relação com o corpo e com os objetos afetivos, acessando *“sentimentos que afloram, fluem pelo corpo e vão compondo esse experimento ético-estético”*. (A micropolítica do sensível, 2022, p. 44)

Nossa tripulante, aqui como navegadora de sua nau, nos ensina que::

A relação com o objeto afetivo ativa as memórias afetivas que são comunicadas através da expressão criativa do corpo, e tomamos consciência que podemos nos comunicar silenciosamente, sem a

necessidade da fala. Isso gera uma perturbação na maioria das pessoas, que podemos chamar de desterritorialização, essa sensação frente ao desconhecido pode gerar novas sensações, novas ideias e criações. Caso contrário, pode causar o medo e a paralisia. (SAFONS, 2022, p.52)

Ao experienciar essa oficina, agora no papel de tripulante e não de timoneira, pude perceber a dimensão do silêncio em nossas vidas e o quão significativo são os objetos que nos rodeiam. Trazendo para a prática objetos significativos em minha vida, como uma taça, uma garrafa de vinho e os xales que envolveram meus filhos em seus primeiros meses de vida.

O ato de perceber-se, fez eclodir em mim as vidas que gerei e o tanto de significado que há naquela taça que transborda de vinho; a embriaguez da vida; do ser mãe, que muitas vezes nos envolve, deixando o ser mulher em um segundo plano; o quanto a maternidade nos engole e muitas vezes nos anula; e a dicotomia de sentimentos e emoções que afloram mesmo com o manto macio, doce e fresco que envolve todo o significado afetivo de ser mãe.

Os *frames* pixados, na imagem a seguir apresentada, fazem parte desse “apagamento” existente nesse ser mãe/mulher.



Imagem 22: Apagamento frame a frame. Fotografia. Ana Safons (2021)
Fonte: acervo próprio

No decorrer dessa prática apresentada junto ao Grupo de Pesquisa ARTÆECOS⁴⁴, foram aflorando outras possibilidades de abordagens, *“decorrentes da percepção do silêncio que estimula a sensibilidade, a criatividade, a intuição, a cognição, a imaginação e a percepção das relações consigo, com o outro e com o meio ambiente”*.

Essa proposta de oficina propicia uma prática em qualquer ambiente educativo, permitindo com que os envolvidos permitam-se voltar para si, possibilitando experienciar o silêncio nas infinitas linguagens da arte.

Nosso segundo Tripulante, incursiona numa navegação rumo a sua prática pedagógica junto aos seus alunos da escola rural localizada no município de São Lourenço do Sul. Explora o momento atual, pandêmico, e a necessidade que temos de tornar audíveis nossas vozes internas.

Uma proposta de sensibilizar dos estudantes, através da apresentação do audiovisual do artista Arnaldo Antunes⁴⁵ e de uma pintura do pintor Edvard Munch⁴⁶, pretendendo dar início a um debate sobre o poder do silêncio e seus desdobramentos.

Os estímulos poéticos, musicais e visuais sobre o silêncio e a percepção visual de um grito estático e inaudível, objetivam a externalização das aflições, introspecções e, até mesmo, angústias emocionais individuais e coletivas dos estudantes. A atividade tem o intuito de promover o autoconhecimento, bem como, entendimento aos questionamentos que suscitam destas percepções.

Impulsionando os estudantes à fala e a escuta, nestes tempos pandêmicos de clausura e terror. Como na imagem de Munch destacada. Proporcionando expressar suas ideias e a articulação de pensamentos e argumentações. Indo mais além do que ensinar artes visuais, num contexto fechado e decorativo. Levando a que possamos nos ouvir, ouvir o outro e refletir sobre quem somos nesse universo.

⁴⁴ ARTÆECOS – núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica da FURG/UFPEL/CNPq.

⁴⁵ Arnaldo Antunes (1960-) é um músico, poeta, compositor e artista visual brasileiro.

⁴⁶ Edvard Munch, (1863-1944) foi um pintor e gravador norueguês.

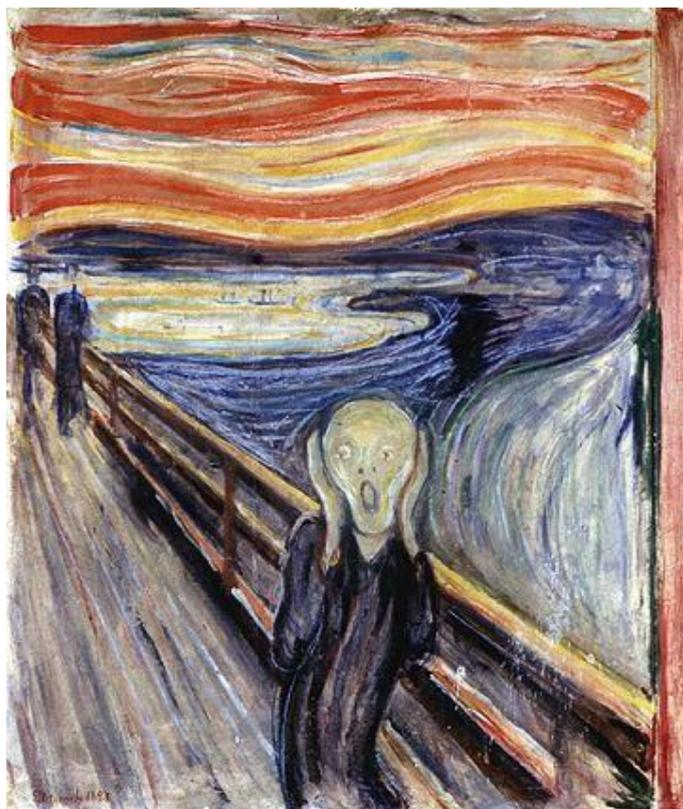


Imagem 23: “O grito” (1893). Edvard Munch
Fonte: <https://www.todamateria.com.br/o-grito/>

Essa prática já foi aplicada junto aos seus estudantes, fazendo reverberar os dados da proposta do curso.

Nossa terceira tripulante traz uma proposta que estimula, além do autoconhecimento, um estímulo a um olhar atento ao que nos cerca.

Como arte educadora do ensino fundamental I, anos iniciais, a proposta parte da compreensão inicial do que vem a ser o silêncio.

Através da sensibilização artística, inicialmente proposta com a leitura da obra “A chave dos campos” de René Magritte⁴⁷, que servirá como um dispositivo reflexivo para os estudantes possam relacionar a uma expressão de seu cotidiano, aproximando a arte com a realidade que os cercam.

Possibilitando, assim, a exploração de maneiras distintas de comunicação.

⁴⁷ René Magritte (1898-1969) foi um pintor belga.

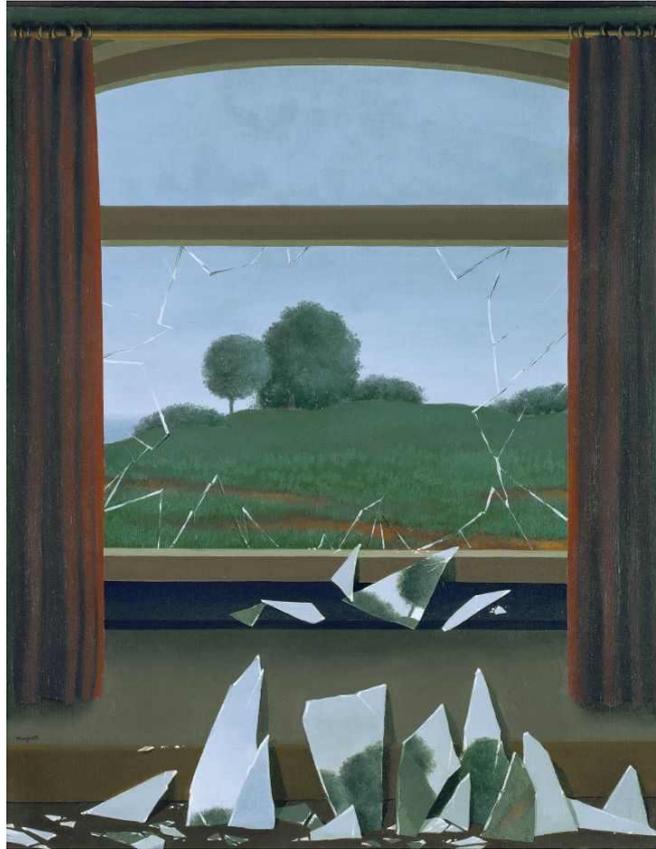


Imagem 24: "A chave dos Campos" (1936), Rene Magritte - óleo sobre tela- 60 x 80 cm
Fonte: <https://santhatela.com.br/renr-magritte/magritte-a-chave-dos-campos/>

Desta forma, o curso vai se apresentando como um lugar navegável que faz com que seja pensado quais os limites dessa prática que me levou a trabalhar com essa diversidade de proposições tão potentes. Demonstrando que inexistente incapacidade para trabalhar sobre o tema, desde que amparada na potência desse criar sensível.

Nossa quarta tripulante incursiona numa navegação permeada por palavras, criando uma tecitura entre arte e literatura.

Na oficina **“O que carrega o silêncio?”**, traz importantes questionamentos sobre o silêncio, relacionando palavra e imagem:

Questionamentos geradores:

- O que o eu lírico, o fotógrafo, registra quando diz que fotografou o silêncio?
- Em que situações o silêncio carrega alguém?
- Quando o silêncio me carrega?
- Quando eu carrego o silêncio?
- Todos esses silêncios são iguais?
- Existem silêncios diferentes?
- Se sim, o que faz com que cada silêncio seja único?

Relacionando na prática proposta, artistas como Rosângela Rennó⁴⁸ e o escritor Orham Pamuk⁴⁹.

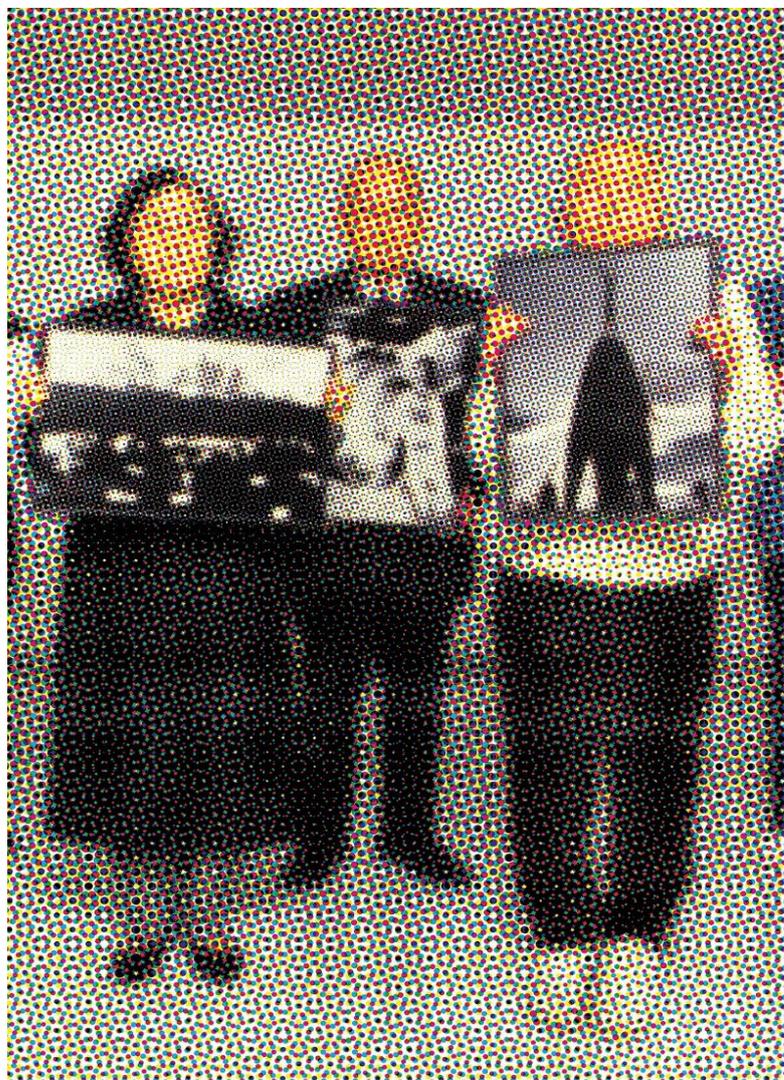


Imagem 25: "São Paulo (Pedro Azevedo) Corpo da alma: O estado do mundo" (1993),
Rosângela Rennó

Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/s%C3%A3o-paulo-pedro-azevedo-corpo-da-alma-o-estado-do-mundo/7QF1INh3FnguKg>

⁴⁸ Rosângela Rennó (1962/-). Artista brasileira, intermídia e fotógrafa.

⁴⁹ Orham Pamuk -o romancista turco, Prêmio Nobel de Literatura em 2006. Criou uma instalação baseada em seu romance ‘Museu da Inocência’.



Imagem 26: Museu da Inocência (2008) Orhan Pamuk
Fonte: <https://asdistancias.com/2016/01/17/o-museu-da-inocencia-objetos-reais-para-uma-historia-ficticia/>

Essa oficina evidencia as propriedades físicas do silêncio, estimulando a que os participantes pensem sobre o tema e relacionem a uma linguagem visual. Assim como Pamuk ao criar uma instalação sobre sua obra – exibindo os objetos mencionados no romance, o museu se torna uma coleção de objetos reais de uma história imaginada.

Isso enfatiza o quanto os objetos trazem de memória. O quanto de silêncio nós carregamos e o quão significativo ele pode representar.

Essa potente oficina levou a nossa Tripulante, agora navegadora, a desbravar outros caminhos.

Na segunda oficina proposta, “**Vozes femininas e frascos de silêncio**”, frascos de vidro nos são apresentados sugerindo “as vozes silenciadas de mulheres que nos antecederam, e que, no momento de abertura do pequeno recipiente, as vozes podem ser libertas e se tornarem audíveis”.



Imagem 27: “Frascos de Silêncio”
Fonte: Ana Tavares

A Literatura e as Artes Visuais sempre andaram lado a lado. E a proposição das oficinas evidenciaram um entrelaçamento dessas duas manifestações artísticas, elaborando uma forma de expressão através da linguagem oral e visual e em muito colaborando para uma maior compreensão e análise do tema “silêncio” e sua prática nos espaços educativos.

Como última colaboração para a construção do Catálogo, apresento nosso quinto Tripulante, com a proposta denominada “**O(a) guardador(a) de silêncio(s)**”, que nos aponta importantes reflexões sobre o silêncio. “Quais os múltiplos sentidos que o silêncio é capaz de produzir? Como dar materialidade ao silêncio?”. Uma proposta de

microintervenção ativadora de processos de autoanálise e autogestão coletiva.



Imagem 28: Três silêncios, 2021. Fotografia. Claudio Azevedo

Fonte: arquivo pessoal do Tripulante V

A proposta apresentada é pensada a partir das três instâncias mobilizadoras de Guattari: a possibilidade do silêncio ambiental, do silêncio social e do silêncio mental, através de “uma microintervenção ativadora de processos de autoanálise e autogestão coletiva”.

Numa partilha coletiva, pensar no silêncio e sua representação, colocando em frascos, seus silêncios, compartilhando sua experiência, falando sobre que silêncios esse frasco contém. Após, customização de seu frasco, com o registro final através da fotografia.

(...) a arte, em sua micropolítica, se faz denúncia, homenagem, *intervenção*. A arte do silêncio pode impulsionar o instituinte no contra fluxo totalitário das padronizações alimentares, midiáticas, políticas etc. (...) Esse tempo aiônico da criação pretende, aqui, conceber uma experiência para a produção de si.

Esse encontro com nós mesmos, que em tempos de pandemia e isolamento social, faz-se tão necessário.

E pensar sobre o silêncio, trabalhar e estimular essas questões, são cada vez mais pertinentes. Um voltar-se para si, para o outro, para o lugar onde habitamos, para a natureza, o cosmos, o universo.

Essa incursão profunda que o grupo fez, trouxe uma nova percepção de si a cada um dos envolvidos com a criação do Catálogo Propositivo.

Como prática final, alguns tripulantes enviaram uma nova imagem e palavra para que representasse sua percepção de silêncio:



Imagem 29: Imensidão, 2019. Fotografia

Fonte: arquivo pessoal do Tripulante III



 Curtido por **aire.arts** e outras pessoas

casa.aires Verde e amarelo. Há alguns anos essas cores viraram-se contra nós, sendo brasileiro nas cores verde e amarelo passou a pertencer a pequenos grupos que se fizeram parecer maiores do que eram. No silêncio encontro o verde e amarelo numa sensação de paz e tranquilidade, uma calma que quase nunca está em mim. Arte e Natureza, a composição e as cores que sempre acalmam minha alma dizem: dessa vez nasci brasileiro, da próxima vez nascerei Natureza, isso já existia antes do Brasil existir.

Imagem 30: Verde e Amarelo, 2020. Fotografia.
Fonte: arquivo pessoal do Tripulante II



Imagem 31: Saudade, 2020. Fotografia.
Fonte: arquivo pessoal do Tripulante IV

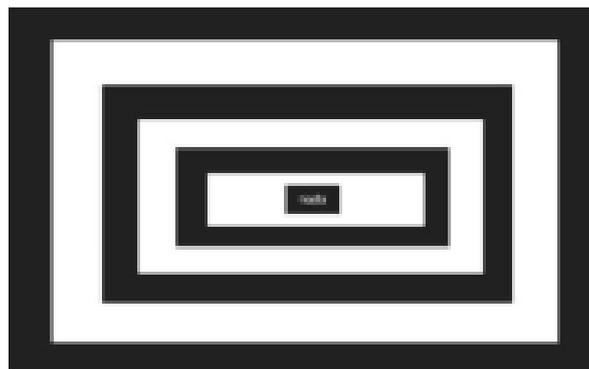
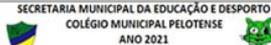


Imagem 32: Escuridão, 2020. Fotografia.
Fonte: arquivo pessoal do Tripulante I



Imagem 33: Vento na vela de um barco, 1994. Fotografia.
Fonte: arquivo pessoal da Timoneira

Após o encerramento do curso, como Arte Educadora atuante nas escolas formais, especificamente turmas do Ensino Fundamental anos finais, tive a oportunidade de experienciar o silêncio nas práticas educativas propostas. Trabalhei sobre o tema nas turmas de 6º ano da escola pública e com as turmas de 7º ano da escola particular. Além do registro da imagem que remete a palavra silêncio, os estudantes descreveram o seu silêncio.



SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO E DESPORTO
COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE
ANO 2021

ALUNO(A) _____ ANO: 6º TURMA: _____
PROFESSOR(A): ANA CLAUDIA SOARES
COMPONENTE CURRICULAR: ARTES VISUAIS
AULA N°: 30 Data de envio: 09 novembro. Data de retorno: _____

CATADORES DE SILÊNCIOS

Nas Artes Visuais também trabalhamos o conceito de Paisagem Sonora. Uma cidade pode estar relacionada a uma paisagem visual, mas também a uma paisagem sonora. Ao fecharmos os olhos, ativando uma escuta sensível, podemos perceber diversos sons. E esses sons, ativam o nosso cérebro, formando uma imagem relativa ao som que estamos escutando. **“Os olhos se fecham, mas nossos ouvidos estão sempre à escuta”.** Assim, percebemos que não existe silêncio no mundo que nos rodeia. Tudo é som, tudo é vibração. Mas existem sons que nos remetem ao silêncio necessário para que possamos olhar para dentro de nós. Como se nosso corpo fosse um “contemplatório” a ser analisado e observado. Como na atividade anterior realizada: o “contemplatório”. No lugar da gaveta aonde colocamos coisas que julgamos importantes para a construção de nossa identidade, há o nosso corpo, nossa mente, nossos ouvidos atentos, aonde temos registrado todas nossas experiências sonoras e visuais.

Aprecie essa obra, “Impressão. Nascer do sol”, de Claude Monet.



Nosso olhar pode ativar nossa memória auditiva e ouvirmos gaivotas, o som do vento e do mar...

Já na obra de Edvard Munch, “O grito”, podemos ouvir um grito?



Vamos pensar:
As imagens podem nos remeter a um som, como percebemos ao olhar as obras de Monet e de Munch. Então, qual o som que te remete a palavra “silêncio”? Se fosse definir o “silêncio” em um som, qual seria esse som?

TAREFA A SER REALIZADA

- Qual o som do seu silêncio?
- Registre em imagens o seu local de silêncio

Envie o registro da imagem e, junto a ela, diga qual o som do seu silêncio.

Aguardo a resposta de vocês, via e-mail.
ana.artes.cmp@gmail.com

Imagem 34: “Catadores de silêncios” - proposição de aula pelo sistema híbrido
Fonte: arquivo pessoal

A reação dos estudantes da escola pública às atividades propostas, tiveram uma importante transformação ao passarmos do sistema remoto para o sistema presencial. O silêncio, quando imposto, pode provocar reações de indiferença e não sensibilização as propostas educativas.

Ao retornarem a sala de aula, recapitulando rapidamente as propostas que lhes foram enviadas remotamente, a percepção do que estava sendo proposto foi tomando forma. Os seus olhos foram sendo “abertos”, como janelas são abertas aos primeiros raios de sol. Tudo passou a ter sentido e razão.

Até mesmo o nome das atividades, como a “**Catadores de silêncios**”. Procurar silêncios foi uma prática lúdica para um grande número de estudantes. E, para outros, uma oportunidade de expor suas angústias e desejos...

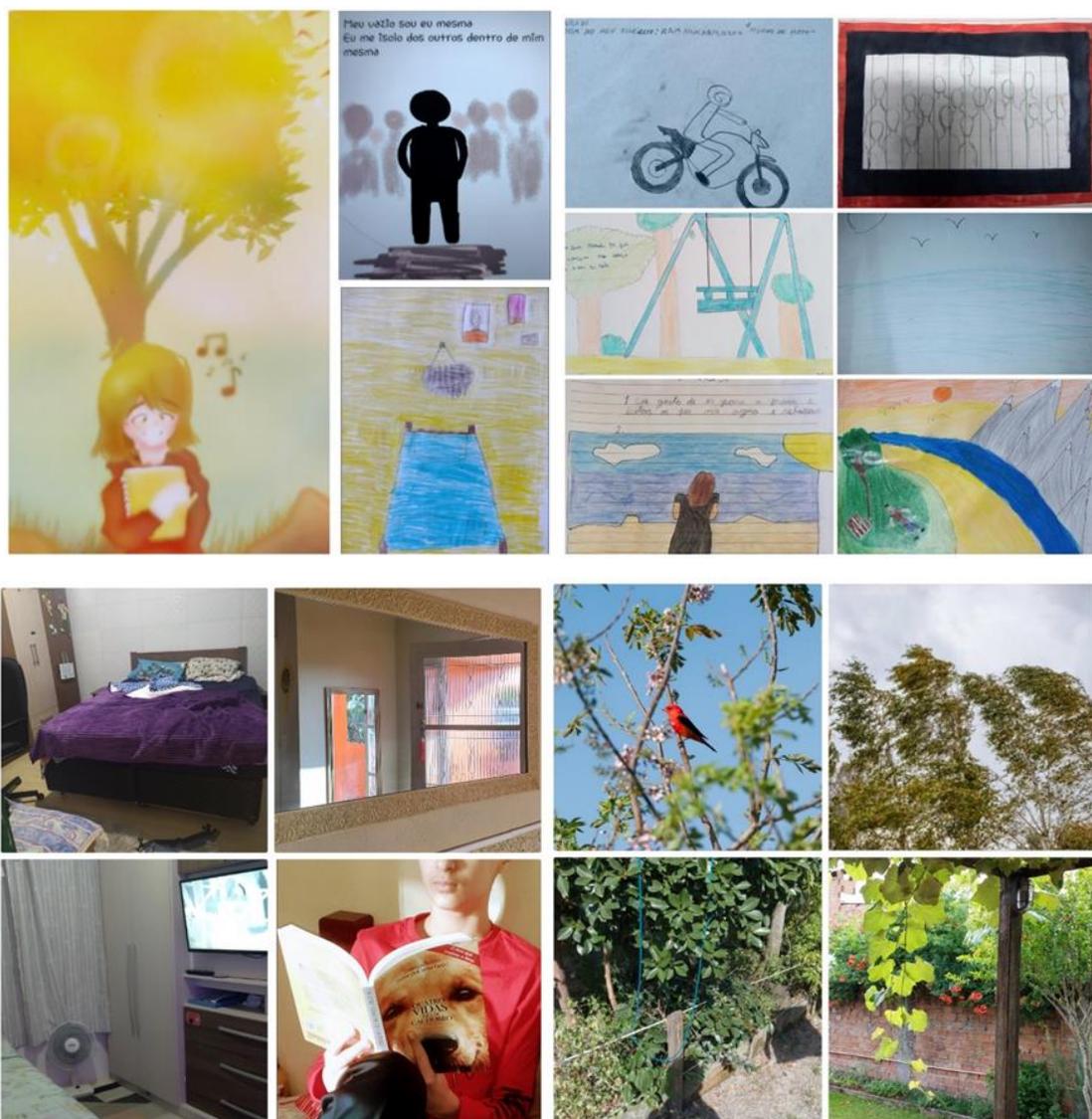


Imagem 35: “Local de Silêncios I”
Fonte: arquivo pessoal

Recebi relatos comoventes, como o da estudante: “esse é o som do meu silêncio...a dúvida as perguntas não respondidas...as vezes é melhor que ninguém escute o som do seu silêncio apenas você mesmo.”



Imagem 36: “ Som do Silêncio” (2021), Pro create/ Ibis Paint X, estudante NSV
Fonte: arquivo próprio

Na escola particular, mesmo tendo como característica a filantropia, os estudantes sempre tiveram aulas no sistema remoto. As aulas eram dadas com a presença dos professores e alunos. Desta forma, a prática pedagógica acontecia com perdas em menor escala. Mas, ao contrário da escola pública, os trabalhos enviados eram, na sua maioria, prints de imagens garimpadas na internet.

Como podemos observar nos trabalhos enviados, nenhum estudante utilizou os recursos de desenho, nem mesmo com a utilização de recursos digitais para desenvolver a prática: **“qual o local do seu silêncio”**.

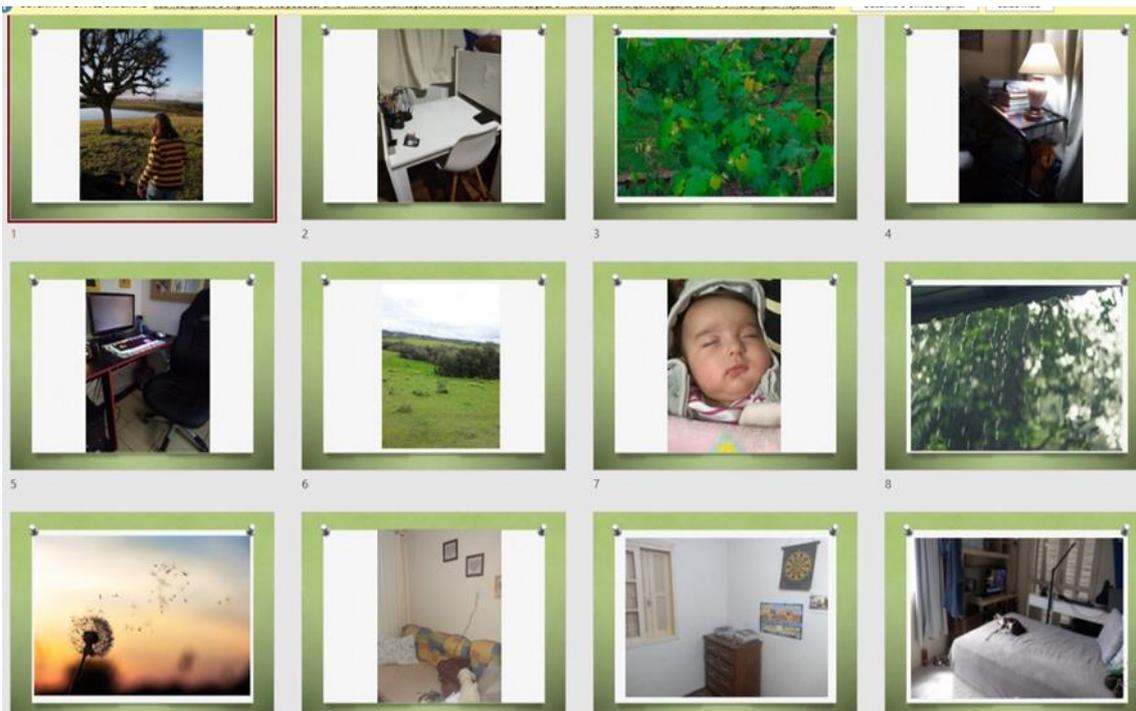


Imagem 37: “Local de Silêncio II”
 Fonte: arquivo pessoal

Mas o **“som do silêncio”** dos estudantes da escola particular, possui marcas bem definidas pela característica do município onde está inserida: uma cidade com cerca de 8000 habitantes, com característica rural.

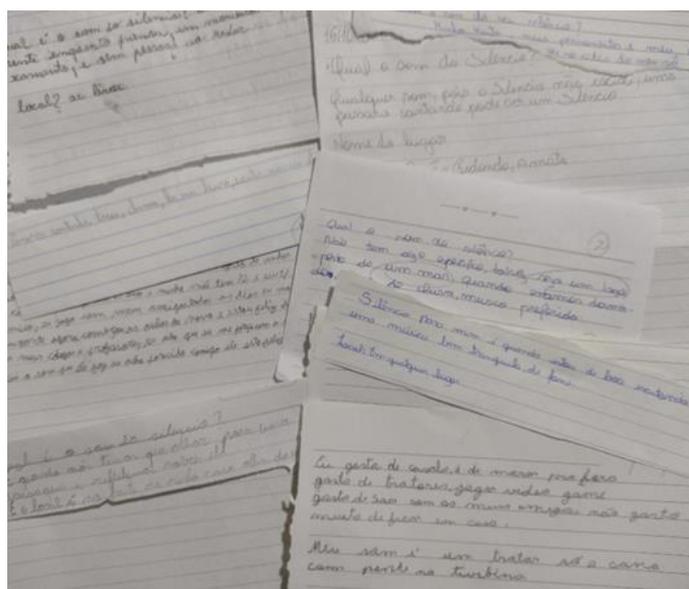


Imagem 38: “Som do Silêncio”
 Fonte: arquivo pessoal

Apareceram lindas definições, como a do estudante dizendo que o som do silêncio era o *“som do bem tivo que ele faz eu acho parecido comigo ele está feliz alegre e cantando”*. E, estranhas percepções, como o relato: *“meu som é um trator só o cano com pente na turbina”*, uma prática que costuma fazer junto ao seu avô.

As práticas realizadas, tanto no curso oferecido como nas escolas onde atuo como Arte Educadora, evidenciaram o quanto o processo de sensibilização pode e deve ser ativado e como é necessária a presença do educador, seja na forma presencial ou remota.

Assumir as escolas no meio de uma pandemia e de uma pesquisa de mestrado, evidenciou como os caminhos de ambas são tortuosos e idênticos. O quanto a pandemia afetou a todos, indistintamente.

Passei a aceitar melhor as dificuldades por mim enfrentadas na execução do curso: equipamentos obsoletos, internet precária, instabilidade do tempo... Tudo contribuía para que o processo de sensibilização não ocorresse de forma linear, satisfatória, fluída. Minha frustração foi grande.

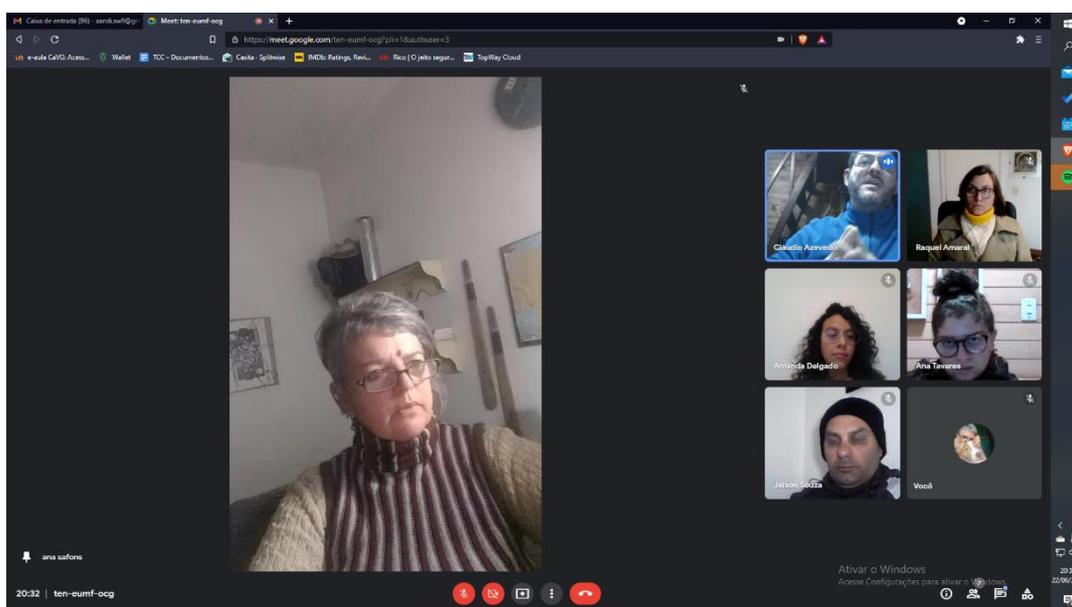


Imagem 39 - “Pensando sobre o silêncio”, print da tela
Fonte: acervo próprio



Imagem 40 - “Pensando sobre o silêncio”, print da tela
Fonte: acervo próprio

Como percebemos nesses prints (imagens 39 e 40), nunca éramos 5 componentes. Para que eu pudesse ter imagem e voz, tinha que fazer conexão com dois aparelhos: telefonia móvel e computador ou notebook. Iniciamos o curso com uma internet de 30 mbts e terminamos com uma de 300 mbts. Mas isso pouco influenciou no resultado das nossas transmissões. O ensino remoto não era - nem é, utilizado por um membro da casa. Somos três a utilizar a mesma conexão de internet para estudo e dois a trabalhar em home office. A qualidade e o serviço de internet oferecido no Brasil, é ineficiente e extremamente precário.

Percebi que esses problemas não são minha exclusividade. Representei o retrato do ensino EAD e seus entraves. Sentindo a mesma frustração que observei nos estudantes das redes de ensino básico.

Isso fez com que eu me colocasse no lugar dos estudantes, enfrentando junto com eles a ineficiência de um ensino cada vez mais tão excludente e celetista.

Se diálogo pressupõe entrega, como haver entrega sem diálogo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E aqui, chegamos mais uma vez.

Desbravamos mares, enfrentamos panes mecânicas, momentos de calma que precedem a tempestades. Em alguns momentos, o sentimento de estar à deriva, quase que encalhados em alto mar.

Sobrevivemos. Ou melhor, vivemos intensamente todos esses momentos, permeados de muito caos.

Ancoramos com a certeza de que não somos os mesmos de quando partimos em busca do mundo possível, pois a abordagem do silêncio dialoga diretamente com os dados da nossa realidade cotidiana. E nossa realidade, hoje, está permeada de retrocessos, de medos, de angústias, de degradação. Compreendemos o quanto a comunicação é exercida e intensificada pelo silêncio.

Nas nossas práticas pedagógicas e artísticas, disponibilizadas através do Catálogo Digital criado como resultado dessa navegação, priorizamos a experiência de cada navegador. Lembrando que, segundo Larrosa (2002, p.2) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” Assim a experiência é algo que nos acontece, que vivenciamos e que nos deixa algum aprendizado.

As abordagens construídas demonstram a navegação de cada um dos tripulantes: o silêncio das mulheres, o silêncio dos adolescentes, o silêncio da natureza. A ambiguidade do silêncio, que segundo Orlandi

(2007, p.101), se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar, se construindo por meio de práticas discursivas.

“O silêncio não é transparente” (ORLANDI, 2007, p. 101). Ele é denso e, muitas vezes, ambíguo como as palavras.

O Brasil já vinha retrocedendo em suas políticas sociais, causando perplexidade na maioria pensante e na população excluída. Com a **P**andemia, muitos processos foram interrompidos, ignorados e desprezados. A ciência foi desprezada, a educação esquecida. Os silêncios foram intensificados.

A pandemia deixou todos, universalmente, silenciosos frente ao desconhecido, frente ao medo da morte e ao impedimento de viver nos moldes a que estamos formatados. Surgindo novas oportunidades para que o retrocesso fosse implementado.

Com a compreensão de que esses silêncios possuem uma linguagem própria, e trabalhando essa linguagem, poderemos caminhar no sentido de rompermos com esse entorpecimento, formando sujeitos menos embrutecidos. Compreender o silêncio como uma forma de reação às barbáries que estão surgindo.

Afirmam que o trabalho de pesquisa acadêmica exige do(a) pesquisador(a) um certo distanciamento do objeto estudado, para que os dados sejam analisados de maneira imparcial e objetiva. Mas como fazer esse distanciamento quando precisamos considerar a subjetividade na construção do pensamento e das práticas, pois o tema pesquisado expressa e transforma a visão do mundo?

Todos nós, tripulantes nesta embarcação, nos afetamos e fomos levados a nos afetar pelos questionamentos de análise dessa pesquisa. E estamos cientes da necessidade de mudarmos nossa relação com o mundo. Desde a nossa relação com a terra, com a natureza. Essa mudança, passa por uma mudança interior e, para que ela ocorra, é necessário esse voltar-se para si.

Os valores da centralidade da vida são os que poderão nos salvar. Compreendendo que quem está ao nosso lado precisa ser ouvido e atendido. A necessária interdependência de todos os seres.

Uma necessidade urgente de novos comportamentos.

Assim, essa monografia, após atravessar momentos em que achamos que tudo estava na iminência de sair do controle, atravessando tempestades, ventos, correntezas traiçoeiras, surge como um convite real para compartilhar silêncios.

Um sopro de vida que permite fazer com que o material unido inicialmente em forma de catálogo, sirva como um mecanismo micropolítico de algo que estará sempre presente, mas com uma capacidade de atualizar o futuro.

Finalizando, muita gratidão aos colegas que tornaram possível essa navegação:

Amanda Delgado, arte educadora, artista e pesquisadora da rede pública municipal paulista de ensino.

Me. Ana Carolina Tavares, arte educadora, artista e pesquisadora da rede pública do município do Rio Grande/RS.

Dr. Claudio Tarouco de Azevedo, arte educador, artista e pesquisador da rede pública federal de ensino superior.

Me. Jaison de Souza, arte educador, artista e pesquisador da rede pública de ensino municipal.

Dra. Raquel Ávila Amaral, bióloga, pesquisadora e educadora ambiental, atuando no ensino informal.

E, aos parceiros que ajudaram a dar forma e visibilidade ao trabalho desenvolvido:

Universidade Federal de Rio Grande – FURG.

Núcleo de Artes Visuais em Estudo - NAVE, coordenado pela Professora Dra. Fabiane Pianowski.

Editora Yaguarú da Unipampa, coordenada pelo Professor Dr. Sandro Mendes, que fará a produção final do catálogo.

Sem a colaboração ativa de todos, nada teria sido possível.

**O fim,
quando chega,
puxa a cadeira para
um começo.
E na minha cadeira
estão a jardineira
impermeável, a capa
corta vento, o diário
em branco para a
próxima viagem.**

(Tamara Klink, Mil Milhas, 2021, pg. 123)

REFERÊNCIAS

- 32ª BIENAL DE SÃO PAULO: Incerteza Viva: Catálogo/Organizado por Jochen Volz e Júlia Rebouças. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.
- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. São Paulo: Editora Papyrus, 1999.
- _____. **A educação dos sentidos e mais**. Campinas, São Paulo: Verus, 2005.
- BERARDI, F. **Asfixia. Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Ubu Editora, 2020.
- BRETON, P. **A utopia da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Campinas, SP: Criar Ed., 2010.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.
- FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo, SP: Moraes, 1980.
- GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2015.
- _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. **Revolução Molecular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KLINK, A. **Não há tempo a perder**. Rio de Janeiro: Editora Foz e Tordesilhas, 2016.
- KLINK, T. **Mil Milhas**. São Paulo: Petrópolis, 2021.
- KRAJCBERG, F. Natura. **Catálogo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM)**. São Paulo: MAM, 2008. 104p.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras (2019).
- KRISHNAMURTI, J. **O despertar da sensibilidade**. PDF, 1964.
- OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Unicamp, 2007.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RANCIERE, J. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMP Martins Fontes, 2010.

_____. **O Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**: Authentica Editora, 2015.

_____. **A partilha do sensível: estética e política**. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2010

RICHTER, S. R. S. **GEARTE: uma experiência de transformação**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 6, n. especial, p. 110-123, abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.88106>

ROLNIK, S. **Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea**. In: Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências. SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (Orgs.). Face e Fapesp: São Paulo, 1999, p. 206-221.

_____. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SALLIS, C. **Gesto inacabado: Processo de criação artística**. São Paulo: Intermeios, 2011.

SHAFER, R M. **A afinação do Mundo**. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **O ouvido Pensante**. 2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

TAROUCO, C. **Olhares Ecosóficos na arte contemporânea: pesquisas em contextos poéticos de ensino**. E.book in <http://repositorio.furg.br/handle/1/9598>.

TUCKER, W. **A linguagem da escultura**. São Paulo: Cosa & Naify, 1999.

WOLFF, F. “**O silêncio é ausência de quê?**” In: NOVAES, Adauto (Org.) **Mutações: O silêncio e a prosa do mundo**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014. p.31-51

SITES:

KRAJCBERG. Disponível em: <https://krajcberg.blogspot.com/> Acesso em: 19 set. 2020.

RELATÓRIO DO INEP. Disponível em:
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/02/> Acesso em: 14 out. 2020.

APÊNDICE 1

Apresentamos aqui, o percurso dessa navegação, o qual disponibilizamos para toda comunidade escolar através desse Catálogo propositivo.

<https://drive.google.com/file/d/1UG5V2aDV9wE9wHWhyRluGqzExfMdWmkJ/view?usp=sharing>

APÊNDICE 2



Identificação

Projeto: A micropolítica do sensível: o silêncio e a arte em contextos educativos

Ênfase: Extensão

Grande área: Linguística, Letras e Artes

Unidade: Centro de Artes

Subunidade: Câmara de Extensão

Data de início: 18 de maio de 2021

Data de término: 29 de junho de 2021

Geral

Eixo temático principal: Educação

Linha de extensão: Artes Visuais

Resumo

O projeto surge como uma necessidade de obter dados específicos sobre o objeto da pesquisa que se inicia no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, cujo tema explorado é o silêncio e seus possíveis significados como matéria de criação de mecanismos micropolíticos de construção dos processos de subjetivação.

Entendendo que o ato de pesquisar deve estar apoiado “a experiência entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer” (PASSOS; BENEVIDES, 2010, p. 18), surge a proposta de oferecer um curso de 40 horas, no sistema Ensino a Distância – EAD, a interessados que estejam engajados com a educação através das Artes Visuais, em diferentes contextos educativos.

Surgindo assim, um convite a Educadores, artistas e pesquisadores para participar do curso de formação de formadores, com o intuito de, juntos, refletirmos sobre o silêncio e seus significados.

Objetivo geral

Refletir sobre o silêncio e seus significados. Buscando através do silêncio, acionar os sentidos com relação ao que nos cerca, permitindo a criação e a crítica através de sua sensibilização. Utilizando como suporte fundamentais os mecanismos micropolíticos e a escuta junto a natureza.

Justificativa

Este projeto justifica-se por buscar compartilhar as experiências individuais dos participantes do curso, instaurando reflexões sobre o que nos cerca, procurando ir além do senso comum. Investigando os modos de fazer e pensar na arte, desenvolvendo trabalhos com uma poética que se relaciona à construção de uma presença sensível, que está interligada diretamente com mecanismos micropolíticos que procuram impulsionar o sujeito a uma reflexão sobre nosso modo de vida e o planeta.

Para fundamentar esta pesquisa surgem autores que auxiliarão na investigação sobre o silêncio e seus significados, como um possível instrumento micropolítico de construção dos processos de subjetivação, através da educação em artes visuais. Auxiliando, na construção de atividades práticas, possibilitando angariar dados para análise.

Destaco GUATTARI (2012) para tratar sobre os conceitos de micropolítica. Nas artes é uma expressão/ação de resistência que utiliza a linguagem estética para atingir o sensível na política. A Micropolítica como disparador de debate sobre conteúdos ideológicos no campo artístico e midiático. Bem como SCHAEFER (2011), que trata sobre a ideia de uma clariaudiência – a necessidade de apurar nossa sensibilidade auditiva para que possamos perceber os sons que foram se perdendo por conta da vida contemporânea, ou sendo por ela “inaudibilizados”. E, para pensar os modos de operar o silêncio, trago ORLANDI (2008) que fala na incontestável a necessidade de se pôr em silêncio, pois . “sempre se diz a partir do silêncio” (Orlandi. 2007, p. 23),

sendo uma forma de comunicação que, mesmo que não-verbal, pode ser usado de diversas formas, com diversos fins.

Metodologia

O curso será composto por 8 encontros (7 síncronos e 1 assíncrono), através de link a ser fornecido aos inscritos, através de aulas expositivas e reflexivas. Como caminho metodológico será utilizado o portfólio como ferramenta pedagógica. Material a ser produzido individualmente por cada participante e, ao final, uma produção coletiva como material educativo a ser disponibilizado como uma proposta básica educativa.

Indicadores, metas e resultados

Equipe

Coordenação

Dr. Claudio Tarouco de Azevedo

Equipe técnica

Mestranda Ana Claudia Safons Soares, licenciada em Artes Visuais, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas

Cronograma

Encontro 1 - 18/05 – 18:30 às 20:00hs –Espaço de fala

Encontro 2 - 25/05 – 18:30 às 20:00hs – Como ativar a escuta micropolítica através das Artes Visuais

Encontro 3 – 01/06 – 18:30 às 20:00hs – Proposição de material educativo a ser desenvolvido

Encontro 4 – 08/06 – 18:30 às 20:00hs – O silêncio como proposta básica educativa

Encontro 5 – 15/06 – 18:30 às 20:00hs – Apresentação material elaborado

Encontro 6 – 22/06 - 18:30 às 20:00hs – Apresentação material elaborado

Encontro 7 – Assíncrono - Percepção individual do material produzido.

Encontro 8 – 29/06 – 18:30 às 20:00hs – Espaço de fala e ação cultural

APÊNDICE 3

Oficina: Silêncio in si

Experimentações do corpo in silêncio

Raquel Amaral

Perceber, sentir e refletir sobre o silêncio, estimulando a sensibilidade e a intuição. Esse foi o desafio do processo de criação desta oficina. Dentre as inúmeras possibilidades para abordar este tema, optei por pensar no silêncio que se expressa na comunicação não-verbal, mais especificamente na expressão corporal, manifestando sensações e intuições do corpo em silêncio. Sentimentos e intuições que brotam no corpo, em movimentos que desenham formas e produzem rizomas nas relações consigo mesmo, com o outro e com o ambiente (As Três Ecologias de Félix Guattari).

No percurso cartográfico do *silêncio in si*, fiz uma imersão em meu silêncio interior e as intuições e sentimentos fizeram aflorar poemas, pinturas abstratas, desenhos e mudanças na disposição dos móveis e decoração do meu escritório. Isso representa e expressa a minha percepção do silêncio. Esse processo criativo muito particular foi estimulado pelo curso, em especial, na interação com @s colegas.

O *silêncio in si* foi o momento que me permiti desterritorializar, acessar outros territórios existenciais e abalar minhas zonas de conforto e segurança. O processo criativo teve dois momentos: o *silêncio in si* e o silêncio em grupo. O primeiro representa a imersão no meu silêncio interior e o segundo, o silêncio interior em grupo, que aconteceu através da proposta educativa *Experimentações do corpo in silêncio*, a qual fui a mediadora desse percurso numa interação silenciosa ao realizar uma oficina no Grupo ARTÆECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosóficas. Essas experimentações estéticas de forma individual e coletiva, mobilizaram processos afetivos, criativos, imaginativos e de cognição.

Um percurso por caminhos invisíveis tendo como guia a intuição. Trilhar caminhos até então inexistentes num processo de experimentação do pensamento, pensamento rizomático. Pensamento e sentimento que flui em conexão com o grupo, em conexão com o ambiente. Um percurso imagético e poético de imersão no silêncio interior e no desenvolvimento de uma proposta educativa com o tema do silêncio.

O Silêncio em imagem e palavra

Qual imagem e palavra definem o silêncio? Essa foi uma das perguntas de Ana Safons que tocou fundo em mim. Em meus pensamentos surgiu o momento que saí do coma no hospital. Para mim, o retorno do coma foi sair da escuridão e do nada dentro de mim mesma e, ao ir abrindo os olhos, vi vários retângulos brancos. E, depois de algum tempo, percebi que estava deitada numa cama de hospital, a sala toda iluminada pelo sol, era manhã, minha mente só absorvia aquilo que enxergava, minha mente estava passiva.

A partir da reflexão sobre essa experiência, a palavra que define a percepção de silêncio para mim é: Nada.

Percepção do silêncio em imagens e poesia

Vídeo, fotos e poemas registram o processo de criação da oficina *Experimentações do silêncio in si*, ministrada no Grupo ARTEECOS. Nesse momento de isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, causada pelo novo coronavírus, fico muito tempo em meu escritório. Durante o curso sobre o silêncio, comecei a observar esse ambiente de trabalho e, junto com meu marido, Augusto Amaral, fomos mudando os móveis de posição, trazendo plantas, alguns objetos e cores para o espaço. As fotos e o vídeo foram realizadas nesse espaço já modificado.

No vídeo, sem ser convidado, mas muito bem-vindo, apareceu o gato *Gatuxo* que, atualmente, também é chamado de *Mumu*. Determinados acontecimentos fazem o gato adquirir outros nomes, nesse caso, descobrimos o gato lambendo o pote de doce de leite! E daí nasceu o nome *Mumu*!

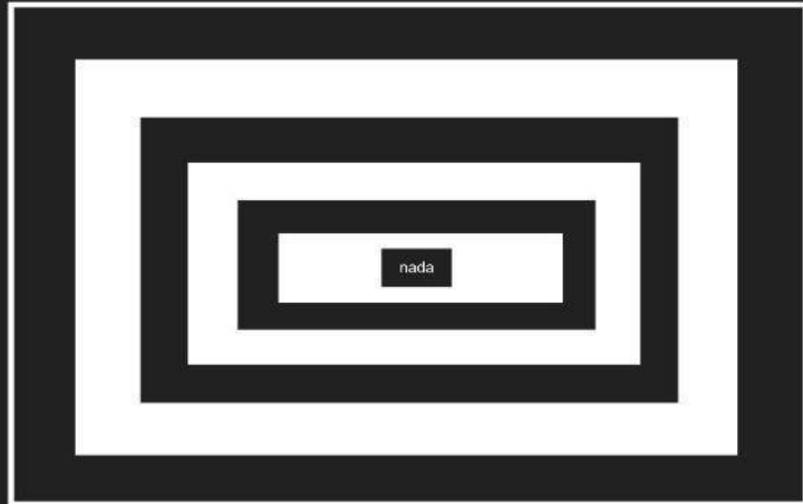
Proposta Educativa

Experimentações do corpo in silêncio

A oficina em sistema remoto aconteceu de forma síncrona, por meio do *Jitsi Meet*, em sala virtual do Grupo ARTEECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica. A proposta foi a realização de alongamento corporal, relaxamento e a expressão corporal na relação com o objeto afetivo em interação com os participantes.

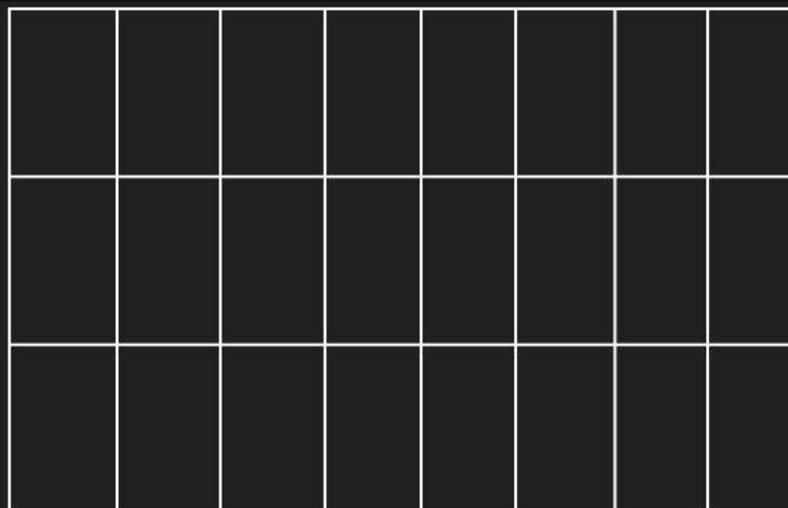
O silêncio em imagem e palavra

Silêncio
em
imagem
e palavra



Silêncio
em
imagem
e palavra

nada



Processo de criação

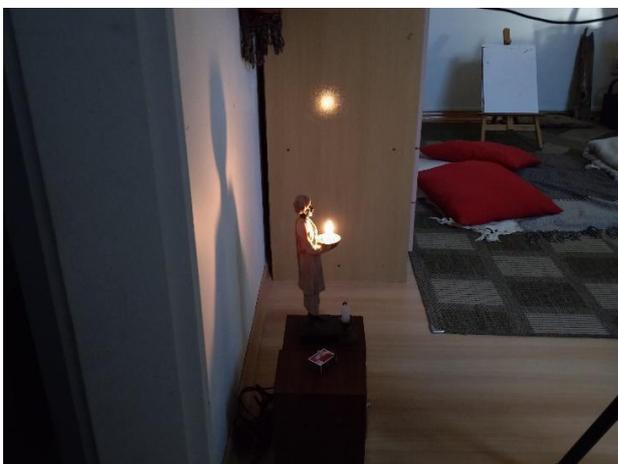
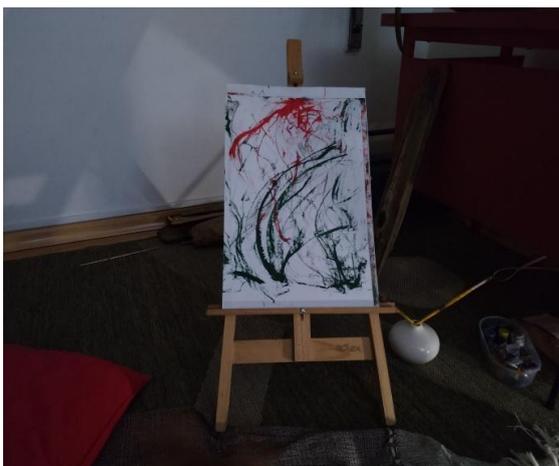
No início do curso, imaginei o *Silêncio in si* como uma oficina que seria produzida e ministrada em um grupo, envolvendo também o seu processo de criação. Mas, ao longo do tempo, percebi que era a minha imersão no silêncio interior através de experimentações estéticas que expressavam esse percurso silencioso, sensível, imaginativo e criativo muito pessoal. A expressão do silêncio interior através dos gestos, dos movimentos do corpo.

Essa experiência artística e estética acionou os sentimentos e pensamentos para o planejamento da oficina *Experimentações do corpo in silêncio*.

Vídeo e fotos

Silêncio in si. mp4

https://drive.google.com/file/d/1u3DoUPoWNENn35GssbdMVvIPSDvcr_A5/view



Voa, cachecol!

*Vi o vento levar o cachecol
Num dia nublado e frio de inverno
Um pano macio de cor alfazema
E perfume azul
Corta a paisagem cinza e fria dessa noite. Será noite ou dia?
O cachecol faz desenhos no céu, piruetas nunca antes vistas,
Nunca se repetirá esse vento
Nunca se repetirão esses desenhos
Nunca se repetirá essa dança tão delicada e forte, que abraça e aquece o
pescoço e o coração.
Que dança é essa, minha Mãe?
Voa, cachecol!*

O guardador de silêncios

O silêncio estava guardado num pequeno frasco de vidro transparente, hermeticamente fechado com uma rolha. Olhando o frasco, não se via nada. O silêncio estava invisível. Mas, ao abrir o frasco, escuta-se um grito. O grito do invisível silencioso que dilacera o frasco tão delicado e liberta o foco, o nada, o pousio e a solitude.

O grito tem nome,

VIDA

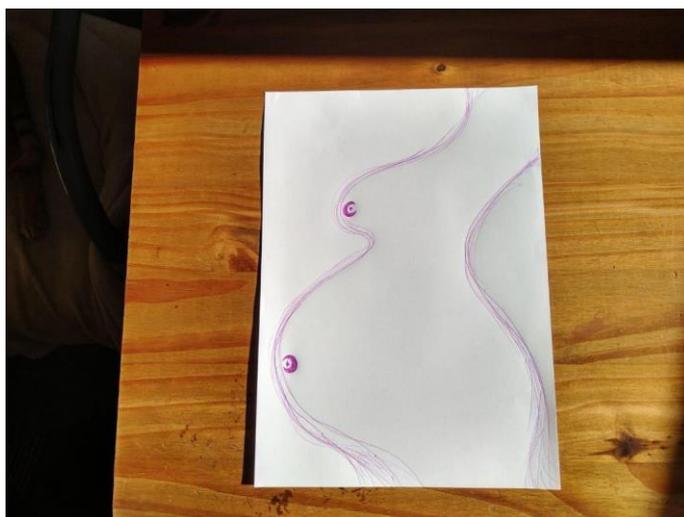
Presente ancestral

As mãos femininas estão envoltas de laços de cetim, barbantes, papéis de presente e muitas ideias efervescentes em seus pensamentos coloridos e criativos. Essas mãos são dotadas do dom de fazer presentes e estão sempre no movimento de tocar o coração e emocionar. Ativar memórias ancestrais...

Mas agora ela depara-se com um desafio: fazer um presente para sua amada e saudosa avó. E, de repente, algo inesperado acontece: ao invés de arrumar o pacote e enrolar a fita, a fita começa a enrolar-se em suas mãos e braços, a embrulha, bagunçando todo o seu cabelo, que agora tem um lindo laço vermelho. Que espírito é esse que embrulha essa mulher em seu fazer de fazer presentes? Será inspiração de sua avó?

Ancestralidade feminina nas mãos dessa mulher, dessa menina, desse bebê que é o presente de sua avó. Mãos-Mães ancestrais que carregam em seu ventre a magia da criação da Mãe Terra, manifestando-se no amor infinito. É o presente da vida, o presente do ventre, o presente da mãe.

O presente da vó.



Desenho: Presente

Ancestral

Poesias

Intuições poéticas do silêncio

As poesias afloraram a partir dos relatos emocionados d@s colegas do curso ao falarem de suas mães, familiares e inspirações para a produção de suas oficinas. Sinto cada uma das poesias como intuições poéticas do silêncio e, quando as palavras foram surgindo nos pensamentos, fui imaginando/visualizando mentalmente os objetos e cenas, tal como imagens poéticas. Que estão aqui, ali, lá, acolá, em todos os lugares. No universo!

Percorrer o território do silêncio é acessar esse imenso desconhecido que somente com a razão não podemos compreender. Neste percurso, o silêncio foi o dispositivo para acionarmos os sentimentos, emoções, intuições, imaginações, essenciais para nos aprimorarmos como educadores das mais diversas áreas do conhecimento. Essas experimentações apresentam um caminho para aprimorar nossas percepções sobre o silêncio por meio de experimentações estéticas, desenvolvendo nossa sensibilidade, intuição e criatividade.

Proposta Educativa

Oficina: Experimentações do corpo in silêncio

A oficina em sistema remoto aconteceu de forma síncrona, por meio do *Jitsi Meet*, em sala virtual do Grupo ARTÆECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica, no dia 02 de agosto de 2021. Previamente, foi enviado por e-mail o convite para o grupo participar da oficina.

Experimentações do corpo in silêncio é uma proposta educativa, fruto da participação no curso *A micropolítica do sensível: o silêncio e a arte em contextos educativos*, ministrado pela Profa. Mestranda Ana Safons. A oficina tem o objetivo de criar um espaço de experimentação estética em grupo através da tela do computador ou celular, em que a imersão no silêncio acontece através da comunicação não-verbal.

Dessa forma, aciona a expressão criativa do corpo por meio do relaxamento (respirações profundas e fundo musical) e da vivência corporal na relação com os objetos afetivos. Não será utilizada a linguagem verbal e escrita durante todo o período da oficina. É importante a conexão com o momento presente, com o aqui e agora, para uma atitude de não-pensar e deixar aflorar, fluir os sentimentos nesse movimento poético que o corpo irá expressar.

Nessa expressão criativa do corpo, de sentir e expressar o silêncio, vamos criando um espaço de experimentação em grupo através da tela do computador ou celular, no *seminário de experiências e experimentações*. Sentir e expressar o silêncio na relação com os objetos afetivos. Nessa relação com os objetos e interação com os colegas, acessar sentimentos que afloram, fluem pelo corpo e vão compondo esse experimento ético-estético, em que nossos condicionamentos e padrões de comportamento corporal vão desterritorializando-se nessa improvisação, acionando novas possibilidades de relação consigo mesmo, com o outro e o ambiente. Expressão de nossos sentimentos e intuição numa poética corporal do silêncio. Assim, vamos aflorando nossa singularidade através da percepção das múltiplas criações que podemos realizar ao colocar o corpo em experimentação. Sensibilização do corpo.

Algumas orientações para a oficina:

- Usar roupa e sapato confortáveis;
- Escolher um lugar mais reservado na casa e organizá-lo do seu jeito. Caso queira decorá-lo ou acender um incenso, fique à vontade;
- Deixar o computador ou celular fixo numa mesa ou suporte, de forma que você possa ficar mais livre para fazer os movimentos, inclusive ficar de pé, sem sair dos limites da câmera. Verifique também o som do seu equipamento;

- Escolher objetos da sua casa que você goste ou tenham algum significado em sua vida. Estes serão os objetos afetivos que você utilizará em sua experimentação;
- Inicialmente, faremos um breve relaxamento com respirações profundas e, após, cada participante fará sua experimentação. Importante nos organizar em relação ao tempo e quantidade de pessoas no dia. Importante estarmos relaxados e em conexão com nosso silêncio interior para a expressão dos sentimentos na relação do corpo com o objeto afetivo;
- Reflita sobre o silêncio e busque perceber e senti-lo.

No dia da oficina, percebi que seria necessário solicitar que todos abrissem a câmera para podermos ter o contato visual e, assim, fortalecer os laços de confiança, nesse momento em que nos comunicaríamos através de gestos na relação com nosso objeto afetivo.

Durante toda a oficina foi utilizada a *Música de meditação budista para energia positiva: música curativa, música budista, música calma* (<https://www.youtube.com/watch?v=f3OzuJREgwc&t=5703s>).

Durante a oficina, senti a necessidade de aceitar a sensação de vulnerabilidade, fragilidade, pelo fato de não falar, percebi que a fala dá uma sensação de força e segurança. Nesse caso, como mediadora da oficina, começaram pensamentos de medo e preocupações, e foi necessário cessar a mente e confiar no processo criativo do grupo, em nossas desterritorializações e produção de novos territórios existenciais. Confiar no rizoma da vida!

A oficina produziu um misto de sensações em meu corpo, muitas delas não consigo conceituar com palavras. Foi satisfatório e, ao mesmo tempo, desconcertante o fato de não nos comunicarmos através da linguagem verbal, a nossa interação sem fala nos levou para um território desconhecido. Criamos um espaço de interação com a atmosfera do silêncio. E o silêncio em grupo é um tanto perturbador, já que quando estamos com um grupo de pessoas, nosso hábito é falar mas, o relaxamento e, posteriormente, a relação com o objeto afetivo foi desfazendo esse sensação perturbadora e fui percebendo que estava mais atenta as formas dos objetos, os gestos e movimentos de cada participante e a beleza dessa interação criativa.

A relação com o objeto afetivo ativa as memórias afetivas que são comunicadas através da expressão criativa do corpo, e tomamos consciência que podemos nos comunicar silenciosamente, sem a necessidade da fala. Isso gera uma perturbação na maioria das pessoas, que podemos chamar de desterritorialização, essa sensação frente ao desconhecido pode gerar novas sensações, novas ideias e criações. Caso contrário, pode causar o medo e a paralisia.

A atmosfera do silêncio nos tirou de nossa zona de conforto e nos transportou para um território novo, estimulando nossa sensibilidade, imaginação e criatividade. Eu fiquei um pouco nervosa, já que fui a facilitadora, mediadora dessa *viagem* em território desconhecido e fiquei um pouco tensa em relação a como cada um ia sentir e lidar com esse momento do silêncio, mas, ao mesmo tempo, estava confiante que todos nós

estávamos dispostos a fazer esse percurso desconhecido.

Ao terminar, não me senti bem nem mal, mas uma vontade de continuar em silêncio. Senti que criamos esse espaço criativo e intuitivo no silêncio, mais um rizoma da *Tenda de artes e afetos* da Ana Safons! Fica a curiosidade de como os demais participantes sentiram esse momento.

Existem várias possibilidades de abordar o silêncio nas práticas educativas, e a educadora ou educador pode criar a sua proposta, contextualizando com o conteúdo de sua disciplina. O educador pode criar um ambiente de silêncio para os alunos observarem e desenharem as partes da planta, produzirem trabalhos artísticos e até mesmo apresentarem seus trabalhos em silêncio, com ou sem música ambiente. A percepção do silêncio estimula a sensibilidade, a criatividade, a intuição, a cognição, a imaginação e a percepção das relações consigo, com o outro e o ambiente. O autoconhecimento pode gerar e a produção de novas possibilidades de relacionar-se com o mundo de forma mais generosa, solidária, cooperativa, afetiva, respeitando a natureza e todas as formas e manifestações de vida. A educadora e o educador tem um papel importante na formação humana.

Aprofundando os estudos

- colocar aqui referências e vídeos.

APÊNDICE 4

Plano de aula – Prof. Jaison de Souza.

Tema: MICROPOLÍTICA DO SENSÍVEL – O SILÊNCIO E A ARTE EM ESPAÇOS EDUCATIVOS.

Público alvo: Alunos de 8º e 9ºano do Ensino Fundamental.

Objetivo Geral: Sensibilizar os alunos através das linguagens artísticas (audiovisual e imagem de obra de arte) em relação à compreensão do poder do silêncio e seus desdobramentos. Os estímulos poéticos, musicais e visuais sobre o silêncio e a percepção visual de um grito estático e inaudível, objetivam a externalização das aflições, introspecções e, até mesmo, angústias emocionais individuais e coletivas dos estudantes. A atividade tem o intuito de promover o autoconhecimento, bem como, entendimento aos questionamentos que suscitam destas percepções.

Objetivos Específicos:

Promover o pensamento crítico a partir da fruição do audiovisual e da imagem da obra de arte para além das questões estéticas.

Experimentar e conhecer estilos musicais diferenciados.

Experienciar o silêncio como intimidade; como um canal de acesso ao autoconhecimento e de busca interior do verdadeiro EU.

Impulsionar os estudantes à fala e a escuta, promovendo a exposição de suas ideias e a articulação de pensamentos e argumentações a partir do audiovisual e da imagem apresentados.

Conteúdos específicos do componente curricular: Estilo musical Rock – Arte Expressionista.

Tempo de duração: 90 minutos

Recursos Pedagógicos:

Audiovisual - Clipe da música de autoria de Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown, O SILÊNCIO.

Imagem impressa da pintura do artista Edward Munch, O GRITO.

Papel, fita adesiva, canetinhas...

Metodologia: No primeiro momento da aula, executa-se o audiovisual “O Silêncio” e, a partir desta, provoca-se os alunos em relação aos silêncios de nossos sentimentos e os silenciamentos que nos são impostos por diferentes naturezas, pela sociedade contemporânea (família, grupos, redes sociais...).

Após a execução do clipe musical, propõe-se ao grupo um tempo em silêncio para que os estudantes estabeleçam um diálogo subjetivo, interpretativo e reflexivo em relação ao audiovisual e suas relações com o silêncio ou a falta do mesmo.

A partir dos questionamentos suscitados propõe-se um debate acerca do audiovisual e a narrativa em questão.

Em continuidade, faz-se uma breve leitura de imagem e contextualização de “O Grito”, do artista Edward Munch e, diante da percepção e do apelo visual gerada pela observação da imagem silenciosa e melancólica da pintura, propõe-se finalmente, que os alunos escrevam em pedaços de papel seus gritos presos na garganta, sejam eles, urgências, necessidades, reclamações, inquietações, medos, angústias... e intervenham, colando-os sobre e ao redor da imagem da pintura exposta.

Avaliação: Considera-se fundamental a participação dos estudantes neste processo de subjetivação, silêncio e fala.

Referências:

1. Audiovisual, O SILÊNCIO, acesso em 13-06-2021
https://www.youtube.com/watch?v=t2FA0BDS_4Y

O silêncio - 1996 (Arnaldo Antunes- Carlinhos Brown)

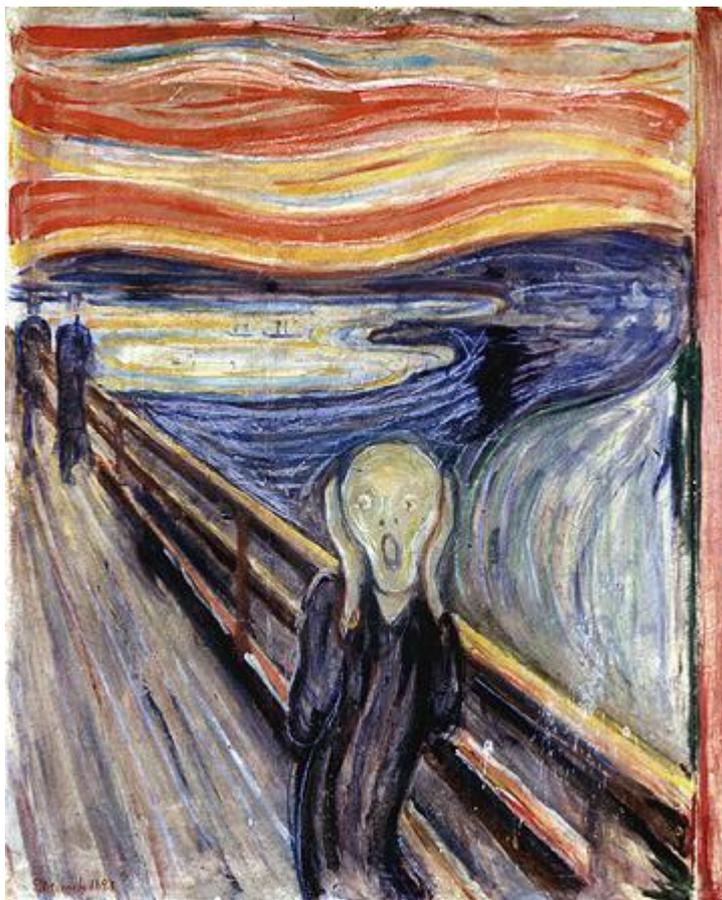
Antes de existir computador existia tevê
Antes de existir tevê existia luz elétrica
Antes de existir luz elétrica existia bicicleta
Antes de existir bicicleta existia enciclopédia
Antes de existir enciclopédia existia alfabeto
Antes de existir alfabeto existia a voz
Antes de existir a voz existia o silêncio
O silêncio!

Foi a primeira coisa que existiu
Um silêncio que ninguém ouviu
Astro pelo céu em movimento
E o som do gelo derretendo
O barulho do cabelo em crescimento
E a música do vento
E a matéria em decomposição
A barriga digerindo o pão
Explosão de semente sob o chão
Diamante nascendo do carvão
Homem, pedra, planta, bicho, flor
Luz elétrica, tevê, computador
Batedeira, liquidificador
Vamos ouvir esse silêncio meu amor

Amplificado no amplificador
Do estetoscópio do doutor
No lado esquerdo do peito, esse tambor.

2. Imagem da pintura de Edward Munch - O grito (1893) óleo sobre tela.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao281818/national-gallery-of-oslo-oslo-noruega> acesso em 13-06-2021



Atividade sobre o silêncio - você sabe o que é o silêncio?

De acordo com o dicionário Houaiss silêncio pode ser a total ausência de som audível, ou seja que podemos escutar, mas também outros tipos de silêncio, como se calar, abster-se de falar, privação, voluntária ou não, de falar, de publicar, de escrever, de pronunciar qualquer palavra ou som, de manifestar os próprios pensamentos.

Veja a lista abaixo e selecione circule as situações e locais que geralmente você sabe que o silêncio se faz presente e risque as situações que considera barulhenta:

- | | |
|------------------------|---------------------------|
| Hospital; | Velório/enterro; |
| Cinema; | Encontro religioso; |
| Festas de aniversário; | Café da manhã; |
| Trem; | Passeio no parque/praçça; |
| Ônibus; | Cozinha; |
| Casa; | Sala; |
| Quarto; | Banheiro; |
| Restaurante; | Encontro com amigos; |
| Sala de aula; | Reunião familiar; |
| Rua; | Fazendo lições de casa; |
| Teatro. | Escutar música. |

A imagem abaixo é a obra "A chave dos campos" do Artista René Magritte, de 1936. Em breve vocês saberão mais sobre este pintor e esta obra, mas antes respondem por áudio ou escrito as perguntas a seguir:



1. Observando apenas a imagem, você associa ela a silêncio ou barulho? Explique.
2. O que acham que aconteceu?
3. Você notou alguma coisa estranha ou engraçada nesta imagem?

APÊNDICE 6

A PRESENÇA E A AUSÊNCIA DO SILÊNCIO

Amanda Delgado

CONTEXTUALIZAÇÃO:

O silêncio por si só é importante, e digno de reflexão, durante os primeiros minutos dos nossos encontros a multiplicidade de sentidos que identificamos para esta palavra nos mostrou que ela pode beirar a materialidade. A existência do silêncio é uma constante ainda que seja às vezes indesejável na maneira como se apresenta, juntos identificamos que silêncio pode ser uma meta, um recurso ou até mesmo algo natural, e como artistas educadores a presença e a ausência deste silêncio forma consciente é relativa.

Como educadora penso no silêncio em dois aspectos, na minha didática em sala de aula e observância das vozes (ou falta delas) em meus alunos, de modo a trazê-lo como recurso didático e/ou habilidade a ser trabalhada em sua falta ou excesso, bem como em sua potência artística especialmente na relação com a Arte Contemporânea.

SILÊNCIO COMO HABILIDADE E/OU RECURSO DIDÁTICO:

Uma sala de aula pode tender a maior ou menor homogeneidade comportamental em um primeiro momento, mas nunca há unanimidade comportamental, temos alunos que participam em silêncio, demonstrando em suas produções que estavam interagindo através da percepção, e em seguida a partir da produção, neste caso, de acordo com a aprovação desse alunos, podemos dar voz a seu trabalho, ou então elucidar para turma sua percepção de modo a não expô-lo, neste caso dar voz ao raciocínio do outro, respeitando sua opção pelo silêncio é apenas amplificar a voz que este indivíduo utilizou em sua produção, a voz ainda é dele.

Apesar da importância de respeitar as características individuais de cada estudante, como reguladores das interações presentes na sala, podemos identificar maneiras de trazer algumas vozes, ou até mesmo alternar vozes que se fazem presentes de maneira predominante lhes dando a possibilidade de experimentar a escuta e o silêncio, não de maneira punitiva, mas sim de modo a oportunizar experiências e pontualmente dar oportunidades para o desenvolvimento de habilidades. É preciso explicitar aos alunos as reais razões pelas quais em determinados momentos eles precisarão identificar a necessidade de quebrar ou se manter em silêncio para benefício próprio ou coletivo, estas reflexões podem vir de maneira natural em cada situação apresentada nas aulas. É a partir da multiplicidade de personalidades e reações que se torna interessante uma proposta didática ligada à comunicação, de modo a mesclar silêncio e a ausência do mesmo de modo estratégico através da Arte Contemporânea.

PROPOSTA DIDÁTICA – O SILÊNCIO E SUA AUSÊNCIA COMO RECURSO DE COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE CONTEMPORÂNEA:

Antes de explicitar a proposta é possível trabalhá-la com crianças que compreendem ou não o conceito de Arte Contemporânea, por exemplo, tal conceito pode ser muito complexo na teoria para crianças de 5 a 8 anos, no entanto, se utilizarmos a proposição baseada no

mecanismo da Arte Contemporânea, utilizaremos a experiência em si como foco. No entanto, alunos a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental já possuem condições didáticas de compreender o conceito teórico, o que se intensifica ainda mais para estudantes de quintos anos em diante.

ASPECTO DA ARTE CONTEMPORÂNEA A SER TRABALHADO: potência de dialogar de maneira reflexiva e/ou crítica a respeito da realidade externa, ou interna do indivíduo. Veja a sequência didática a seguir:

1º ETAPA – SENSIBILIZAÇÃO ARTÍSTICA

Selecione uma obra artística de sua preferência, ou que acredite ser relacionável com o contexto de sua turma, esta obra preferencialmente contemporânea servirá como dispositivo reflexivo, para que os alunos procurem se aproximar das intenções dos artistas, bem como troquem expressões, recomendamos que tenha mais de uma obra a ser apresentada, e que conheça profundamente os detalhes delas, de modo a ter segurança para os múltiplos direcionamentos que poderão ser dados por parte da turma. Ao final organize uma atividade simples de registro sendo este um texto, palavra, imagem, ou até mesmo que tragam uma fotografia relacionável ao tema discutido, a vantagem de trabalhar com um objeto é a aproximação entre arte, realidade e mensagem, uma maneira de tornar algo verbal, em algo tátil.

2º ETAPA - ELUCIDAÇÕES SOBRE A OBRA E PROPOSTA DE EXPRESSÃO DE SENTIMENTO GUIADO

A partir do material criado, ou trazido pelos alunos (sempre traga algo próprio e participe da proposta, além de estimular os alunos, é uma carta na manga quando eles não trazem o que foi solicitado), desenvolver discussão reflexiva, se aprofundar nas especificidades da obra ou obras apresentadas anteriormente. A multiplicidade de objetos auxilia também na reflexão sobre o uso de objetos distintos, não óbvios, como objetos artísticos.

3º - COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA IMAGEM

As etapas anteriores impossibilitaram o silêncio, pois a reflexão induziu ao diálogo, por isso, é muito importante possibilitar um momento de silêncio completo, a proposição é que cada aluno escreva uma palavra e/ou frase em papel sem nome sobre um sentimento ou situação, coloquem em uma pote para ser sorteado e ao pegarem a frase ou sentimento, todos deverão criar uma expressão visual que pode vir a ser uma imagem que expresse o que continha no papel, tendo tempo suficiente para todos produzirem, essas produções serão expostas, em silêncio, e ao final todos poderão observar as produções, com a indicação de tentarem encontrar o que haviam escrito anteriormente.

RECOMENDAÇÃO: respeitar o silêncio e observar se os alunos vão comentar se encontraram ou não nas imagens seus sentimentos, ou então sugerir um tempo de silêncio e em seguida perguntar quem gostaria de apontar se identificou o ou não a frase/palavra escrita em alguma das produções visuais.

Esta sequência pode prosseguir para produções audiovisuais, trabalho com notícias, acontecimentos na cidade, e desse modo oferecer aos alunos maneiras distintas, de comunicar o fato e/ou impressões dos fatos a partir de recursos mais ou menos audíveis.

APÊNDICE 7

OFICINA “O QUE CARREGA O SILÊNCIO?”

Ana Tavares

Sequência didática – 1º dia:

1º momento – 30 minutos
<ul style="list-style-type: none">● Apresentação da ministrante e dos participantes.● Leitura coletiva do poema “O fotógrafo” de Manoel de Barros (anexo 1).● Questionamentos geradores:<ul style="list-style-type: none">- O que o eu lírico, o fotógrafo, registra quando diz que fotografou o silêncio?- Em que outras situações o silêncio carrega alguém?- Quando o silêncio me carrega?- Quando eu carrego o silêncio?- Todos esses silêncios são iguais?- Existem silêncios diferentes?- Se sim, o que faz com que cada silêncio seja único?
2º momento – 15 minutos
<ul style="list-style-type: none">● Socialização das respostas às questões dirigidas ao grupo.
3º momento – 20 minutos
<ul style="list-style-type: none">● Questionamentos geradores:<ul style="list-style-type: none">- Que objetos meus o silêncio carrega?- Que objetos meus carregam o silêncio?● Leitura coletiva da crônica “Coisas lembradas”, de Carlos Drummond de Andrade (anexo 2).● Apresentação de imagens do Museu da Inocência, criado pelo escritor turco Orhan Pamuk.<ul style="list-style-type: none">- Que imagens minhas o silêncio carrega?- Que imagens minhas carregam o silêncio?● Leitura coletiva de um excerto do texto “O silêncio das imagens”, de Sylvain

Maresca.

- Apresentação do trabalho poético-visual da artista Rosângela Rennó

4º momento – 15 minutos

- Socialização das respostas às questões dirigidas ao grupo

5º momento – 10 minutos

- Proposição aos participantes: cada um deve levar para o grupo um objeto seu (utensílio de posse da família, álbum fotográfico...) que seja carregado pelo(s) silêncio(s) ou carregue silêncio(s).

ANEXO 1

O fotógrafo [Manoel de Barros]

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada minha aldeia estava morta
não se ouvia um barulho, ninguém passava entre
as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era o carregador?
Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a Nuvem de calça.
Representou para mim que ela andava na aldeia
de braços com Maiakovski — seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa
mais justa para cobrir a sua noiva.
A foto saiu legal.

ANEXO 2

Coisas Lembradas [Carlos Drummond de Andrade]

A conversa recaiu sobre coisas que os antigos nos deixaram.

– Bem, – disse o bacharel – eles nos deixaram tudo: a ordem social, o direito, as artes e as letras...

– Não me refiro a essa herança colossal – esclareceu o pintor. – Estou falando nos bens de família.

– Ah, sim, aquilo que nos tocou por herança.

– Não é bem por herança. São as coisas que não entram em inventário, e geralmente as mais estimadas.

– Mais estimadas? Uma casa, as ações de uma empresa não são mais estimadas? – arriscou o economista.

– Para mim não são – respondeu o pintor. – E acho que para muita gente também.

– Por exemplo?

– Um objeto de nada. Tanto pode ser um canivete como um daguerreotipo, uma caixinha de madrepérola, um livrinho de apontamentos.

– Tem razão – concordou uma das moças. – Eu venero – é assim mesmo que se diz? – os sapatos de cetim da vovó, com que ela se casou.

– Botou num oratório? – ironizou outra moça.

– Não botei, mas guardo como relíquia. São lindos. Como vovó tinha pés pequeninos! Eu sinto que aqueles sapatinhos faziam parte de um amor e de uma grande esperança.

– Poeta!

– Antes fosse. Faria a minha ode aos sapatos de cetim.

– Luísa tem razão – comentou o pintor. – Essas coisas estão impregnadas de sentido, ou melhor, de emoção. E de certo modo são eternas.

– Como, eternas? – escandalizou-se o economista.

– Em primeiro lugar, elas duraram mais do que os donos. Sobreviveram. E se nós as conservamos com carinho, continuam vivas por tempo indeterminado. Só morrem quando esquecidas ou jogadas fora.

– Ou leiloadas.

– Não. Leiloadas, continuam a viver. Talvez uma existência contrafeita, com a carga emocional diluída. Mas resistem.

– Nunca tinha pensado nisso – falou o estudante. É mesmo. As coisas podem durar mais do que a gente, mesmo sendo coisas frágeis, que a gente fez.

– E louça? E xícara em que os bisavós beberam, prato em que eles jantaram, com a pintura azul meio desbotada? Não é um barato? – disse Luísa.

– Tudo é um barato, se vem de outra era e fala uma linguagem. As caixas de rapé, que tanto podiam ser verdadeiras joias como coisinhas apenas funcionais.

– Os vasos de Sèvres, das velhas salas de visitas.

– Não falemos de coisas tão refinadas. Falemos de humildades.

– O lenço bordado, ou então o lenço grande, de xadrez, para os espirros do rapé.

– O par de esporas de prata. As caçambas de montaria.

– Tou me lembrando da sela de meu avô, fazendeiro em Cocais, atirada no porão, e que a gente montava sem cavalo, fingindo galopar.

– E eu da caneta-tinteiro, dizem que das primeiras que apareceram, vinda dos Estados Unidos, com florões dourados. Tava num baú de minha tia.

– E minha tia, que guardava uma coleção de vidros de perfume franceses dos bons tempos, todos de formato *art-nouveau*: rosas, lírios, crisântemos?

- Coleção já é um exagero. Basta uma peça de coisa antiga, ligada à história familiar.
- Ah, que coisa fantástica o espartilho que minha madrinha guardava no armário! Pedi para experimentar, ela recusou. Eu queria curtir o século XIX dentro dele.
- E assim foram passando em revista os binóculos, os carnês de baile, as luvas, as estampas, as cartolas, os xales, os relógios, desfilaram compoteiras, penicos, *lorgnons*, peles, camafeus, almofarizes, porta-cartões, potes de farmácia, condecorações, laços de fita, surgiram no ar, em palavra, bugigangas, pequenas preciosidades, bagulhos, berenguendéns, bagatelas, coisas foscas ou de brilho, nonadas, fanfreluches, tudo tocado pelo tempo e pelos mortos, tudo que é saudade ou aspira a sê-lo. Alguém suspirou:
- “A grande dor das coisas que passaram.”
- Mas o pintor reagiu:
- A grande cor, a grande flor das coisas que passaram.

ANEXO 3

O silêncio das imagens [Sylvain Maresca]

“Para ser claro, as fotografias não dizem nada já que não recorrem nem à palavra nem à escrita. Nós as vemos, olhamos para elas, mas não as ouvimos, da mesma maneira que não podemos lê-las. Permanecem mudas. E até deveríamos encontrar um qualitativo melhor, pois este faz por demais referência à privação da palavra: ser mudo significa que não pode falar. Mas será que as fotografias queriam falar sem poder fazê-lo? Nada é menos certo. Qualificá-las de “silenciosas” seria talvez mais apropriado na medida em que esse epíteto designa um estado (o silêncio) mais do que uma ausência.”

APÊNDICE 8

OFICINA “VOZES FEMININAS E FRASCOS DE SILÊNCIO”

Ana Tavares

Sequência didática – 1º dia

1º momento – 30 minutos
<ul style="list-style-type: none">● Apresentação da ministrante e dos participantes.● Música “Triste, louca ou má”, de Francisco, el Hombre (anexo 1).● Leitura de um excerto do livro “Minha História das Mulheres”, de Michelle Perrot (anexo 2)● Questionamentos geradores:<ul style="list-style-type: none">- Por que as mulheres tinham por hábito destruir seus vestígios?- O que esta percepção nos revela no que diz respeito à memória individual e coletiva?- Que relações podemos tecer entre as mulheres, a memória e o silêncio?
2º momento – 30 minutos
<ul style="list-style-type: none">● Dinâmica: a mediadora sugere que dentro de um frasco de vidro (anexo 3), estão presentes as vozes silenciadas de mulheres que nos antecederam, e que, no momento de abertura do pequeno recipiente, as vozes podem ser libertas e se tornarem audíveis.● Questões geradoras:<ul style="list-style-type: none">- O que as vozes outrora silenciadas diriam?- Que palavras ecoariam a partir da abertura do frasco de silêncios?- Pelo que clamariam as vozes engarrafadas por tantos séculos?
3º momento – 30 minutos
<ul style="list-style-type: none">- De que forma a Literatura e as Artes Visuais podem contribuir para que as vozes femininas outrora silenciadas sejam ouvidas?● Leitura de um excerto do livro “Um teto todo seu”, de Virginia Woolf (anexo 4).<ul style="list-style-type: none">- Que mulheres escritoras e artistas visuais você conhece?- Quando e como as conheceu?● Proposta de elaboração de um Museu Feminista Virtual, como sugerido por Griselda Pollock.

ANEXO 1

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define (você é seu
próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

E o homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

Ela desatinou, desatou nós (e um
homem não me define, minha casa não
me define)

Vai viver só (minha carne não me
define)

(Eu sou meu próprio lar)

Ela desatinou, desatou nós (e um
homem não me define)

Vai viver só (minha carne não me
define)

ANEXO 2

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra (PERROT, 2017, p. 17).

ANEXO 3



ANEXO 4

Quando, porém, lemos sobre o afogamento de uma bruxa, sobre uma mulher possuída por demônios, sobre uma feiticeira que vendia ervas ou mesmo sobre um homem muito notável e sua mãe, então acho que estamos diante de uma romancista perdida, uma poeta subjugada, uma Jane Austen muda e inglória, uma Emily Brontë que esmagou o cérebro em um pântano ou que vivia vagando pelas ruas, enlouquecida pela tortura que seu dom lhe impunha. Na verdade, arrisco-me a dizer que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem cantá-los, com frequência era uma mulher. [...] é bastante evidente que mesmo no século XIX uma mulher não era encorajada a ser artista. Pelo contrário, era desprezada, estapeada, repreendida e aconselhada. Sua mente deve ter-se exaurido, e sua força vital ter diminuído pela necessidade de se opor a isso e desaprovar aquilo (WOOLF, 2014, p. 73-81).

APÊNDICE 9

Elogio ao silêncio: taxinomias inesgotáveis

*O silêncio é um segredo guardado;
Uma intimidade sem imagem nem som;
Uma coisa muda que fala;
Uma coisa cega capaz de fazer ver.*

Cláudio Azevedo

Parto de algumas questões para mobilizar o pensamento, o corpo e a atualização de experiências: quais os múltiplos sentidos que o silêncio é capaz de produzir? Como dar materialidade ao silêncio? Tais questionamentos me fazem recordar um trecho que escrevi há alguns anos com o auxílio de alguns intercessores, compartilho a seguir.

“Estamos acostumados a preencher os espaços com a fala e há uma tendência a evitar silêncio entre as conversas. No entanto, assim como a escuridão pode favorecer o contraste com um pequeno ponto luminoso, o silêncio pode ajudar as emoções a se manifestarem com o pensamento. Esse aprendizado sobre o silêncio, o professor Alfredo Martín parece ter encontrado nas práticas com seu orientador de tese, René Lourau, conforme a passagem abaixo sobre a participação deles em um encontro de Análise Institucional:

Ao chegar ao local do encontro, René pede para ir ao banheiro. Embaraço nos anfitriões, que buscam a chave do banheiro “privado” e não a encontram, alguém a tem em algum lugar... Finalmente liberado, René começa o seminário com poucas palavras introdutórias e imediatamente questiona a instituição do espaço aqui e agora, relatando o incidente do banheiro e perguntando sobre a dona da chave, seu lugar na hierarquia do poder, sobre o fato de os banheiros serem, ou não públicos... Surpresa geral, seguida de dúvidas. Segue-se longo e espesso silêncio... Calmo, René espera as respostas: a intervenção já havia começado. Mais de 25 minutos de silêncio. Mas como, não era ele que ia dar uma aula magistral sobre o espaço? Por que não fala de Lefebvre? Mais silêncio... parece que o grupo vai explodir... eu tento associar alguns conceitos da análise institucional com o que fora dito por René. Mais silêncio... Até que alguém tenta, timidamente, dizer algo sobre a relação do espaço com o poder, da necessidade da análise de tudo isso por nós mesmos... Outro, finalmente, acha que os interventores não são tão malignos nem tão idiotas assim... e a análise começa (MARTÍN, 2004, p. 183-184).

René continua por aqui, como um fio condutor que me fez compreender a importância do silêncio com Martín.

Aprendi com René, dessa vez, a ter e manter o silêncio e a calma quanto for necessário, depois de ter colocado no grupo as questões de fundo, sem abrir mão delas. ‘É nesses silêncios profundos que o instituído se mexe, que o instituinte pode mostrar o seu nariz e alguma coisa nova ser dita...’ – comenta René comigo depois. Várias vezes, posteriormente, tive oportunidade de confirmar essas palavras. Muitas falas inundam o espaço para evitar que alguma palavra certa possa vir a dar corpo às verdades escondidas... (MARTÍN, 2004, p. 184).

Assim, também fui entendendo que no campo de intervenção podemos ter encontros com o silêncio, e que ele pode ser uma força a mexer no instituído colocando em curso coisas novas” (AZEVEDO, 2013, p. 42-3).

Como cessar o ruído para localizar zonas de atenção? O silêncio se transforma em um ato de **intervenção**⁵⁰ quando dele podemos extrair a indignação latente na alma. Assim vou encontrando energia criativa para produzir classificações que nada mais são que fissuras poéticas para abertura de novos encontros entre a substantivo e a multiplicidade semântica dos adjetivos.

A arte ecosófica me ativou as três instâncias sempre necessárias para mobilizar o que Guattari chamou de ecosofia. Assim, invoco, aqui, a possibilidade do silêncio ambiental, do silêncio social e do silêncio mental. Faço isso porque ao buscar pensar em propostas sobre o silêncio... logo peguei alguns pequenos frascos de vidro (Figura 1) que me olharam dizendo que eram três, como as três ecologias. Também não consigo deixar de pensar em silêncios motivados pela presença dos quatro elementos. Da água se consegue extrair, dentre outros, os silêncios congelados, submersos, líquidos; e, dos demais elementos, podemos descobrir silêncios em chamas, atmosféricos e outros soterrados.

⁵⁰ Quando questionado pela Ana Safons sobre uma palavra para descrever *silêncio* escolhi *intervenção*.

Figura 1 – três silêncios, 2021.



Fotografia: Cláudio Azevedo.

Anne Cauquelin afirma que

com os ‘quatro elementos’ – o ar, a terra, a água, o fogo – a tradição pré-socrática chegou até nós por meio da *doxa*, portadora de imaginário. O mito, aqui, é poderoso. Devaneios em repouso, sonhos em nuvens, os quatro adquirem direito de cidadania. Eles frequentam nossos medos e nossas esperanças, e temos acerca deles atitudes de crença milenares. O fogo é puro (com o trocadilho etimológico entre o grego *pyr*, *pyrós* e o latim *purus*) e, ao mesmo tempo, destruidor, guerreiro. A água é ao mesmo tempo salvadora e imunda, a terra é germe e túmulo, o céu é portador de tempestades e luminoso, numa hora noite, noutra dia (2007, p. 143-4).

Desejo essa arte ecosófica que mobiliza o humano no território existencial da promoção de experiências solidárias, afetivas e de júbilo. Porque os frigoríficos guardam o silêncio da morte presentificada na carne do corpo vazio, da indústria capitalocêntrica. Mas a arte, em sua micropolítica, se faz denúncia, homenagem, *intervenção*. A arte do silêncio pode impulsionar o instituinte no contra fluxo totalitário das padronizações alimentares, midiáticas, políticas etc.

O totalitarismo procura instaurar a imobilidade temporal, ilusão de eternidade que visa, em primeiro lugar, padronizar e controlar os comportamentos. O que ele detesta acima de tudo é o tempo enquanto criação. O seu objeto de desejo é o tempo compartimentado,

padronizado, controlável. Foucault insista, portanto, e com razão, no fato de que a arte de viver se opõe a ‘todas as formas já presentes ou ameaçadoras do fascismo’. Trata-se de fazer da própria existência um *texto* no qual se invente um modo de vida, um trabalho de produção de si através dos signos e objetos; para além da arte, estamos diante de um programa de resistência eficaz contra a uniformização planetária dos comportamentos, contra esse grande aferrolhamento disciplinar de que reconhecemos aqui e ali os sinais precursores (BOURRIAUD, 2011, p. 191).

Esse tempo aiônico da criação pretende, aqui, conceber uma experiência para a *produção de si*. Criar, assim, uma arte de resistência ao negacionismo e ao fascismo que assola nosso Brasil *bozônico*. Esse elemento radioativo a ser combatido com a arte potente dos quatro elementos e suas forças vitais na construção de outros mundos possíveis como nos indica a cosmovisão contemporânea de Ailton Krenak (2019), só para citar um exemplo.

Importante mencionar que a ideia dos frascos que guardam silêncios surge da lembrança de um dos episódios de *Alfred Hitchcock apresenta*. O curta-metragem começa com o mago do suspense em frente a uma prateleira cheia com frascos de vidro. Pouco a pouco ele vai escolhendo aleatoriamente um ou outro frasco e abre rapidamente fechando logo a seguir. O que se escuta é um grito que cessa logo que o recipiente é fechado. Cada um contém um grito distinto com timbres específicos e relacionados a diferentes experiências vividas frente ao medo sentido.

Não precisamos guardar os medos nos frascos, ao contrário. Abri-los para libertar psiquicamente aquilo a ser elaborado. O grito pode ser de medo, mas não só de medos são feitos os gritos. Essa multiplicidade da matéria vocal me fez pensar na possibilidade de guardar qualquer coisa dentro do frasco: imagens, sons, pessoas, fragrâncias, sabores, outros seres não humanos etc. Guardar e liberar silêncios pesados, silêncios leves, de volumes diversos. Vamos à proposta do guardador de silêncios...

APÊNDICE 10

Proposta educativa silenciosa **o(a) guardador(a) de silêncios**

*Silencio o silêncio que se
apresenta impregnado de injustiça;
Silêncio bom é aquele que silencia
o preconceito e o autoritarismo.*
Cláudio Azevedo.

Advertência: a proposta pode ser adaptável para qualquer público, usem, reinventem, movimentem silêncios por onde passarem...

Resumo: O objetivo desta proposta é promover um processo grupal de análise das experiências com o silêncio guardadas por cada participante. O silêncio pode ser um analisador que, a partir de um exercício de atualização das experiências, possibilite a reflexão e o aprofundamento do vivido por meio da construção de argumentos coletivos que possam *dar a ver* a multiplicidade existente na partilha das perspectivas. A metodologia consiste em uma microintervenção ativadora de processos de autoanálise e autogestão coletiva. Pode ser realizada presencialmente ou à distância. Será importante lembrar, atualizar experiências, narrar de modo verbal e/ou visual e realizar a partilha contando com a análise dos participantes. A quantidade de encontros necessários será de acordo com a quantidade de pessoas envolvidas.

Encontro 1

Passo 1: Fazer um relaxamento com música instrumental, exercícios de respiração profunda e alongamento corporal.

Passo 2: Todas(os) de olhos fechados. Pedir que cada pessoa lembre de uma experiência com o silêncio, relembrando cheiros, pessoas, outros seres, cores etc. (manter a música de fundo).

Passo 3: Pedir que cada um(a) escreva uma narrativa sobre a experiência atualizada.

Passo 4: Pedir que cada pessoa separe um recipiente (frascos de vidro, lata com tampa etc.) para trazer no próximo encontro. Abrir espaço de fala para tirar dúvidas.

Encontro 2

Passo 1: fazer uma rodada de partilha do que cada pessoa escreveu. Pedir que durante o relato os demais escrevam uma frase ou palavra daquilo que mais chamou atenção no relato. Ao final cada um lê para o colega a frase ou palavra (análises). Pedir que a pessoa anote as partilhas dos colegas.

Passo 2: pensar como podemos ressignificar, a partir da partilha do outro, a nossa experiência e que sentidos podem ser agregados ao nosso silêncio. Usar o “frasco” para guardar esse novo silêncio. Tirar dúvidas.

Encontro 3 e 4

Passo 1: fazer uma rodada de partilha apresentando o seu recipiente de guardar silêncios e o que existe dentro dele.

Passo 2: pedir que customizem o recipiente e o fotografem. Sempre que quiserem podem abri-lo para atualizar e ressignificar alguma experiência... libertando silêncios e guardando tantos outros. Mobilizem, assim, o vivido na concretude do objeto. Colocar a imaginação e os blocos de sentido em movimento para uma nova experiência coletiva de ressignificação do silêncio em suas multiplicidades.

Referências:

AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. *Por uma Educação Ambiental Biorrizomática: cartografando devires e clinamens através de processos de criação e poéticas audiovisuais*. Tese de doutorado em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG). Área de concentração: Educação. Rio Grande, RS: FURG/PPGEA, 2013. 350 p.

BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2011.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins, 2007.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTÍN, Alfredo. *René, os analisadores históricos, as loucas da praça de maio...* In.: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; ALTOÉ, Sonia (organizadoras). *SaúdeLoucura número 8*. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

1- TEMA:

RESPIGADORES DE SILÊNCIO

Ana Safons

2- JUSTIFICATIVA:

Possibilitar que os participantes percebam o seu entorno no dia a dia, em tempos de isolamento social, fazendo uma ligação da arte com a vida. Esta contextualização somada à apreciação e ao fazer os levarão ao conhecimento da degradação ambiental , impulsionando a descoberta do consumo responsável

3 – OBJETIVOS

Geral

Estudo de alguns artistas modernistas e contemporâneos, levando os participantes a compreender e utilizar a arte como expressão, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao despertar o olhar para a degradação ambiental e o consumo responsável.

Específicos:

- observar as relações entre a arte e a leitura da realidade, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando arte de modo sensível.

- olhar para a prática diária seletiva no contato com os materiais de consumo que passam por nós

4 – CONTEÚDOS:

1. Arte Moderna e Contemporânea.
2. Leitura de imagens

3. Referencial artístico

5 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

O silêncio emerge do caos do isolamento necessário imposto pelo surgimento de um vírus. No consumo e no descarte silencioso.

A partir do documentário “Os catadores e eu”, de Agnès Varda, e apresentação de trabalhos de artistas como Kurt Schwitters, Arthur Bispo do Rosário, Georges Adéagbo e Vik Muniz, propor a criação de uma composição abstrata repleta de informações e silêncios de uma vida cotidiana, através da técnica *assemblage*.

6 – CRONOGRAMA

1ª encontro:

Apresentação do documentário “Os catadores e eu”, de Agnes Varda.

Momento de fala

Tarefa: Catadores de silêncio

2ª encontro:

Apresentação de trabalho de artistas

Técnica *assemblage*

3ª encontro:

Composição individual

4ª encontro:

Apresentação das composições

ANEXO

Relatório 2020 do PNE

O relatório deste ano do **Plano Nacional de Educação (PNE)** divulgado nesta quinta-feira* reconhece que o **Brasil cumpriu somente uma das 20 metas** previstas em lei para serem atingidas entre 2014 e 2024. As demais estão longe de serem alcançadas ou foram cumpridas apenas parcialmente

SEM MINISTRO: 'Diário Oficial' publica ato que anula nomeação de Decotelli

Divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (**Inep**), do Ministério da Educação, o documento revela que há áreas em que o Brasil retrocedeu nos últimos anos, principalmente nos números do **ensino integral** e nos **gastos com educação**. Em outros setores, a melhora ocorre timidamente ou há estagnação.

A única meta integralmente atingida no PNE é a que se refere à **formação de professores do ensino superior**, meta que, na verdade, **já havia sido cumprida em 2018**.

Ainda segundo o relatório, **31 de 37 indicadores** usados no plano tiveram **nível de execução inferior a 60%** — grau esperado para esta etapa de vigência do PNE.

"É preciso reconhecer que os resultados experimentados estão bastante aquém daqueles que desejamos para a educação nacional", diz o relatório.

O instituto também admite que a crise gerada pelo **novο coronavírus** poderá afetar os próximos números do plano. "Em que a pandemia influenciará o próximo período é uma incógnita", diz o relatório do PNE.

"Toda transição também envolve grandes desafios em sua análise, pois o cenário anterior não desapareceu completamente, nem o novo está suficientemente amadurecido para se revelar. Não é resposta simples de se obter, para onde estamos indo."

- **PANDEMIA: MEC divulga diretrizes para volta às aulas presenciais**

Veja abaixo a situação de cada uma das 20 metas do PNE

META 1: Educação infantil

O que determina a meta: Ter 100% das crianças de 4 e 5 anos matriculadas na pré-escola até 2016 e 50% das crianças com até 3 anos matriculadas em creches até 2024.

Situação: meta NÃO alcançada

O total de crianças entre 4 e 5 anos na pré-escola só chegou a 94% em 2018, e ainda falta incluir cerca de 330 mil crianças dessa faixa para a universalização — que deveria ter sido atingida em 2016.

Além disso, a análise do PNE aponta que o Brasil não conseguirá chegar sequer a 45% de crianças de 0 a 3 anos matriculadas em creches em 2024. Em 2018, ano dos dados mais recentes, a cobertura era de apenas 36%.

META 2: Ensino fundamental

O que determina a meta: Fazer com que todas as crianças de 6 a 14 anos estejam matriculadas no ensino fundamental até 2024. Além disso, garantir que, no mesmo prazo, pelo menos 95% delas concluíam o fundamental até os 16 anos.

Situação: meta PARCIALMENTE alcançada

O relatório do PNE considera que a universalização do ensino fundamental de 9 anos foi atingida, com 98% dos jovens nessa faixa etária incluídos na etapa e sem grandes discrepâncias regionais.

Entretanto, somente 78% dos adolescentes concluíram o ensino fundamental aos 16 anos. Com isso, a tendência é essa meta não ser alcançada até 2024, quando termina a vigência do plano.

META 3: Ensino médio

O que determina a meta: Alcançar 100% do atendimento escolar para adolescentes entre 15 e 17 anos até 2016 e elevar, até 2024, a taxa líquida de matrículas dessa faixa etária no ensino médio para 85%.

Situação: meta NÃO alcançada

Segundo relatório, ainda havia 680 mil jovens de 15 a 17 anos fora da escola em 2019 — déficit que deveria ter sido sanado três anos antes. Além disso, a taxa líquida de matrículas dessa faixa etária no ensino médio ficou em 73% no ano passado, longe da meta estipulada.

META 4: Educação especial

O que determina a meta: Garantir que todas as crianças e adolescentes de 4 a 17 anos com necessidades especiais tenham acesso à educação básica com atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino.

Situação: meta PARCIALMENTE alcançada

Entre os jovens que necessitam de atenção especializada matriculados em escolas, 93% estão em classes comuns da educação básica — o que, diz o relatório, atende a uma das diretrizes da política de inclusão. Porém, faltam dados sobre quantas crianças e adolescentes nestas condições frequentam a escola, ou seja, não há números sobre essa população fora das salas de aula.

Além disso, embora a quase a totalidade dos matriculados esteja cursando a educação máxima, apenas 48% dos alunos que precisam de atenção especializada recebem atendimento de acordo com a necessidade, o que representa estagnação desde 2013.

Meta 5: Alfabetização

O que determina a meta: Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o fim do 3º ano do ensino fundamental.

Situação: meta NÃO alcançada

O próprio relatório reconhece o "baixo nível de aprendizado dos alunos" e cita a alfabetização como área problemática: mais de 20% dos alunos do 3º ano do ensino fundamental estão no nível mais baixo da escala de aprendizagem da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), feita em 2016.

Além disso, o documento aponta desigualdades relacionadas à alfabetização de alunos nessa faixa de acordo com as regiões, os estados, as redes de ensino e a localizações das escolas.

- **MEC prioriza método fônico e alfabetização aos 6 anos, mas aceita que ciclo só termine aos 8**

META 6: Educação em tempo integral

O que determina a meta: Oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas e atender, pelo menos, 25% dos alunos da educação básica até 2024.

Situação: meta AINDA NÃO alcançada

Na contramão do plano, o relatório registra declínio no número de matriculados em período integral entre 2014 e 2019: no último ano do levantamento, apenas 15% das matrículas. Além disso, a educação integral chega a somente 24% das escolas públicas brasileiras.

"Reverter essa tendência é urgente e necessário para que o Brasil venha a se posicionar ao lado das nações mais desenvolvidas, em que a oferta educacional já conta, há muitos anos, com uma jornada escolar em tempo integral", diz o relatório.

META 7: Aprendizado na idade certa

O que determina a meta: Melhorar a qualidade da educação e aumentar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em três etapas até 2021: 6,0 nos anos iniciais do fundamental; 5,5 nos anos finais do fundamental e 5,2 no ensino médio.

Situação: meta PARCIALMENTE alcançada

Embora o Ideb dos anos iniciais do ensino fundamental tenha acompanhado a trajetória de evolução acima da meta, houve estagnação nos números do ensino médio e apenas uma ligeira melhora nos anos finais do fundamental.

- [Quanto mais cedo, melhor? O debate sobre a idade certa, os métodos e a avaliação na alfabetização de crianças](#)

META 8: Escolaridade da população adulta

O que determina a meta: Aumentar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, alcançando, até 2024, a média de 12 anos de estudo para as populações do campo e dos 25% mais pobres; além disso, igualar a escolaridade média entre negros e não-negros.

Situação: meta AINDA NÃO alcançada

Apesar de a região Sudeste ter alcançado a média de 12 anos de estudo, a média do Brasil continua abaixo desse número: em 2019, a escolaridade média nacional estava em 11,6 anos.

Além disso, a igualdade na escolaridade média entre negros e não negros apresenta diferença de 10 pontos percentuais. Segundo o relatório, o ritmo dessa equiparação segue lento.

META 9: Analfabetismo dos adultos

O que determina a meta: Reduzir para 6,5% a taxa de analfabetismo da população maior de 15 anos até 2015 e erradicá-la em até dez anos, além de reduzir a taxa de analfabetismo funcional pela metade no mesmo período.

Situação: meta NÃO alcançada

Segundo o estudo, a taxa de alfabetização finalmente chegou a 93,5%, mas somente em 2019, quatro anos depois da meta. Além disso, o Inep reconhece desigualdades regionais e sociais nesse indicador.

Assim, o levantamento aponta que a erradicação do analfabetismo adulto até 2024 está a 6,6 pontos percentuais da meta.

Em relação ao analfabetismo funcional, ainda faltam 5,5 pontos.

META 10: EJA integrada à educação profissional

O que determina a meta: Garantir que pelo menos 25% das matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) seja integrada à educação profissional.

Situação: meta NÃO alcançada

O percentual de alunos da EJA integradas à educação profissional ficou em somente 1,6% em 2019. O próprio Inep reconhece que o plano foi frustrado.

META 11: Educação profissional

O que determina a meta: Triplicar as matrículas da Educação Profissional Técnica de nível médio (EPT), assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% da expansão no segmento público.

Situação: meta AINDA NÃO alcançada

O Inep afirma que 1,9 milhões de matrículas na EPT foram feitas em 2019, número ainda aquém das 4,8 milhões de vagas estabelecidas como meta. A expansão ainda ocorre de maneira muito lenta e quase estagnada, segundo o relatório.

META 12: Educação superior

O que determina a meta: Elevar a taxa bruta de matrícula da educação superior para 50% da população entre 18 a 24 anos, assegurando a qualidade, e expandir as matrículas no setor público em pelo menos 40%.

Situação: meta AINDA NÃO alcançada

O relatório do Inep aponta melhora no acesso ao ensino superior, com 37,9% de taxa bruta de matrículas e 25,5% de taxa líquida de escolarização em 2019. No entanto, o documento informa que será necessário um crescimento mais acelerado nos próximos cinco anos para que se atinja a meta.

META 13: Titulação de professores da educação superior

O que determina a meta: Garantir que pelo menos 75% dos professores da educação superior sejam mestres e 35%, doutores.

Situação: meta ATINGIDA

De acordo com o levantamento, o percentual de mestres ou doutores entre professores de ensino superior chegou a 81,3% em 2018. Considerando apenas doutores, o percentual atingiu 44,1%. O Inep reconheceu, entretanto, desigualdades sobre esse dado, principalmente em relação à localização dos docentes e as características das instituições onde lecionam.

META 14: Pós-graduação

O que determina a meta: Ampliar as matrículas na pós-graduação stricto sensu para atingir a titulação anual de 60 mil mestres e 25 mil doutores.

Situação: meta PARCIALMENTE alcançada

O Brasil já superou a meta de títulos de mestrado, e já tinha 22,9 mil doutores em 2018. Porém, o próprio Inep reconhece a necessidade de ampliar a capacidade do sistema de pós-graduação do país, principalmente para atingir a demanda de títulos de doutorado do plano.

- **'Mexer com a pós-graduação é mexer com o sistema todo de pesquisa no país', diz ex-presidente da Capes**

META 15: Formação de professores

O que determina a meta: Criar, até 2015, uma política nacional de formação de professores para assegurar que todos os docentes da educação básica possuam curso de licenciatura de nível superior na área em que atuam.

Situação: meta NÃO atingida

Pela primeira vez na série histórica apresentada pelo plano, o número de professores com nível superior ultrapassou a casa dos 50% em todas as etapas da educação básica. É

pouco, no entanto, considerando que o Brasil pretendia assegurar o curso de licenciatura a todos os docentes.

META 16: Pós-graduação de professores

O que determina a meta: Formar, até 2024, 50% dos professores da educação básica em nível de pós-graduação, e garantir que 100% dos professores tenham curso de formação continuada.

Situação: meta AINDA NÃO alcançada

Segundo o relatório, 41% dos professores têm pós-graduação, mas somente 38% tiveram acesso à formação continuada — muito aquém da totalidade necessária para o total cumprimento da meta em 2024.

META 17: Salário do professor

O que determina a meta: Equiparar, até 2020, os salários dos professores das redes públicas de educação básica aos dos demais profissionais com escolaridade equivalente.

Situação: meta NÃO alcançada

A equiparação no ano passado estava em 78,1% do rendimento médio dos professores, ainda muito aquém do necessário para cumprimento da meta. Além disso, o relatório admite que a melhora no indicador nos últimos anos se deve parcialmente à perda do rendimento bruto médio mensal dos demais profissionais e à queda no poder de compra.

META 18: Plano de carreira do professor

O que determina a meta: Criar, até 2016, planos de carreira para os professores do ensino básico e superior das redes públicas, tomando como base o piso salarial nacional.

Situação: meta NÃO alcançada

Atualmente, 96% dos municípios têm plano de carreira institucionalizados, mas o cumprimento do piso salarial e do limite de carga horária para atividades de interação só chega a 74% dos municípios. Além disso, planos de carreira para profissionais da educação que não são professores só atingem 39% das prefeituras.

META 19: Gestão democrática

O que determina a meta: Dar condições para a efetivação da gestão democrática da educação, com critérios de mérito e desempenho e consulta pública à comunidade escolar, até 2016.

Situação: meta NÃO alcançada

Embora a meta não tenha sido atingida no prazo, o relatório aponta uma melhora na democratização das escolas: a existência de conselhos externos estão presentes em 84% dos municípios brasileiros. Porém, em apenas 7% das escolas públicas há escolha de gestores por meio de eleições e processo seletivo qualificado.

META 20: Financiamento da educação

O que determina a meta: Ampliar o investimento público em educação a até 7% do Produto Interno Bruto (PIB) no 5º ano de vigência da lei, e a 10% até 2024.

Situação: meta NÃO alcançada

De acordo com o relatório, os gastos com educação chegaram a, no máximo, 5,5% do PIB, com indicativo de pequena queda. Assim, como o próprio Inep reconhece, a meta muito dificilmente será atingida até 2024.

* Por Lucas Vidigal, G1 em 02/07/2020 10h00. Atualizado: 2020-07-02T17:28:54.243Z.